

FACULDADES EST

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ABIMAEEL ARAÚJO DE LIMA

**METODOLOGIA DE ENSINO:
UMA ANÁLISE DO MÉTODO DE JESUS DE ENSINAR**

São Leopoldo

2017

ABIMAE L ARAÚJO DE LIMA

METODOLOGIA DE ENSINO:
UMA ANÁLISE DO MÉTODO DE JESUS DE ENSINAR

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Ética e Gestão

Orientador: Prof. Dr. Flávio Schmitt

São Leopoldo

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L732m Lima, Abimael Araújo de
Metodologia de ensino: uma análise do método de Jesus
de ensinar / Abimael Araújo de Lima ; orientador Flávio
Schmitt. – São Leopoldo : EST/PPG, 2017.
67 p. : 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2017.

1. Educação – Aspectos religiosos – Cristianismo. 2.
Jesus Cristo – Ensinações. 3. Ensino – Metodologia. I.
Schmitt, Flávio. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ABIMAE L ARAÚJO DE LIMA

METODOLOGIA DE ENSINO:
UMA ANÁLISE DO MÉTODO DE JESUS DE ENSINAR

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Ética e Gestão

Data:

Prof. Dr. Flávio Schmitt

Profa. Dra. Laude Erandi Brandenburg

São Leopoldo

2017

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a metodologia de ensino de Jesus. O objetivo é refletir acerca do método de Jesus de ensinar e como este influencia na pedagogia contemporânea. A partir de estudo bibliográfico, contempla-se, inicialmente, a educação na antiguidade, além de definir o que é a pedagogia. Reflete-se sobre o ensino no Antigo Testamento, no ensino da Lei e nas profecias, nas quais Jesus foi educado. A metodologia de Jesus tem na palavra a sua base, a partir dos seus ensinamentos nas parábolas e nos discursos, entre outros, para se mostrar na prática dos milagres e do seu exemplo de vida. A metodologia de ensino de Jesus, ao partir do povo e do seu contexto oprimido, evidencia a necessidade de se conhecer a realidade para ensinar com uma metodologia de ensino que possibilite ao povo compreender os ensinamentos, como fez Paulo Freire. Desta forma, a metodologia de Jesus, na sua essência libertadora, permanece atual uma vez que sempre parte do contexto dos indivíduos em busca da libertação ou, para usar um termo mais contemporâneo, para o exercício da cidadania.

Palavras-chave: Educação na Antiguidade. Educação no Antigo Testamento. Pedagogia de Jesus. Educação na contemporaneidade.

ABSTRACT

The theme of this paper is the methodology of Jesus' teaching. The goal is to reflect about Jesus' method of teaching and how this influences contemporary pedagogy. Based on a bibliographic study, one initially contemplates education in ancient times besides defining what pedagogy is. One reflects about teaching in the Old Testament, in the Law and in the prophecies, in which Jesus was educated. Jesus' methodology has the word as its foundation, based on his teachings in the parables and in the discourses, among others, to be shown in practice through the miracles and his life example. The methodology of Jesus' teaching, based on the people and their oppressive context, demonstrates the need to get to know the reality in order to teach with a teaching methodology which makes it possible for the people to understand the teachings, as Paulo Freire did. In this way Jesus' methodology, in its liberating essence, remains current since it always begins with the context of the individuals seeking liberation or, to use a more contemporary term, for the exercise of citizenship.

Keywords: Education in Antiquity. Education in the Old Testament. Pedagogy of Jesus. Education in contemporaneity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 A EDUCAÇÃO ANTES DE JESUS.....	9
1.1 A EDUCAÇÃO NOS SEUS PRIMÓRDIOS	9
1.2 A EDUCAÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO	15
1.2.1 O Pentateuco	16
1.2.2 Os Profetas	19
1.2.3 Os Escritos	20
1.2.3.1 Os <i>Escribas</i>	21
1.2.3.2 Os <i>Levitas</i>	24
1.3 SÍNTESE	26
2 METODOLOGIA DE ENSINO DE JESUS	29
2.1 PEDAGOGIA ENQUANTO CONHECIMENTO E PRÁTICA.....	29
2.2 A METODOLOGIA DE JESUS	31
2.2.1 Jesus seguindo os mestres do Antigo Testamento.....	33
2.2.2 As parábolas	35
2.2.3 Os milagres	37
2.3 SÍNTESE	40
3 A CONTEMPORANEIDADE METODOLÓGICA DE JESUS	43
3.1 A EDUCAÇÃO NA IDADE MODERNA E PÓS-MODERNA	43
3.2 A PEDAGOGIA DE JESUS QUE INFLUENCIA OUTROS MESTRES.....	50
3.3 SÍNTESE	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

A educação é forma como se pode mudar uma sociedade. Ao dar acesso à educação se está possibilitando às pessoas o exercício da cidadania.

A sociedade passa por transformações de forma cada vez mais veloz. Novos costumes e valores são lançados na sociedade através das tecnologias disseminando novas formas de relacionamentos, incentivando o não convívio em comunidade real, mas virtual.

A pedagogia surge como protagonista nessa reflexão no momento em que se está diante de uma realidade nova, por assim dizer, com novos atrativos e novas formas de interagir. A pedagogia precisa acompanhar as novidades, ou seja, se atualizar. Porém, essa atualização não significa inventar simplesmente algo novo, mas se adequar às novas formas e até incorporá-las.

Ao refletir acerca da educação na sua história, desde a antiguidade, é possível verificar que a pedagogia se dava, de certa forma, de acordo com o que a sociedade oferecia. Se na contemporaneidade há as inovações tecnológicas, nos períodos passados da história, cada qual possuía as suas especificidades, a sua tecnologia.

As transformações sempre ocorreram e assim continuarão. Por isso, para compreender a sociedade contemporânea e a educação desta sociedade, há que se remeter às origens, à educação na antiguidade, com os gregos, as influências destes para além do Mar Morto, passando rapidamente por Confúcio, na China.

Ao se propor a reflexão sobre a pedagogia de Jesus e sua atualidade, na verdade o foco está na sua maneira de ser relacionar com o outro, com o aprendiz, com o ouvinte. Essa forma de comunicação se dá de acordo com a forma com que Jesus mesmo foi ensinado e de acordo com os escritos do Antigo Testamento, uma vez que ele foi ensinado a partir de escritos antigos também.

Assim, como o objeto da pesquisa é refletir acerca da pedagogia de Jesus, há que se compreender como se mostra o ensino no Antigo Testamento, desde o ensino da Lei, como as palavras proféticas e os escritos posteriores. São ensinamentos acerca da palavra e vontade de Deus que são encarnados em Jesus, no Novo Testamento.

Para esta pesquisa, de cunho bibliográfico, para compreender a pedagogia de Jesus, e mesmo no Antigo Testamento, há que se definir o que é pedagogia. Para isso são contemplados os autores Paulo Ghiraldelli Júnior, José Carlos Libâneo e Demerval Saviani, entre outros.

Assim, também entre os objetivos específicos, importa conhecer como a pedagogia de Jesus foi influenciada pelos ensinamentos do Antigo Testamento, bem como suas formas de ensino, principalmente através das parábolas e das ações, como no caso dos milagres e do seu exemplo na forma de agir no seu cotidiano.

A principal fonte de pesquisa é a Sagrada Escritura. As passagens bíblicas têm como fonte a versão da tradução de João Ferreira de Almeida, revista e atualizada. Para compreender a educação no antigo testamento, são utilizados autores como Sherron K. Georg, José Luís Sicre, Carlos Mesters, Alejandro Dausá e J. M. Price, entre outros trabalhos acadêmicos contemporâneos que refletem acerca do tema.

Por fim, ao refletir sobre a pedagogia de Jesus na contemporaneidade, pretende-se fazer uma reflexão também a partir de Paulo Freire e sua concepção de educação a partir do povo oprimido, ou seja, onde está o povo.

Assim, a reflexão acerca da pedagogia de Jesus na contemporaneidade parte da educação na antiguidade, passa pelo Antigo Testamento, considera nomes como Martinho Lutero e Paulo Freire, para concluir pela emergência do investimento necessário na educação, fornecendo meios e métodos eficientes.

1 A EDUCAÇÃO ANTES DE JESUS

Contemplar a história da educação seria uma pretensão. No entanto, é possível contemplar características gerais que auxiliam na compreensão do seu desenvolvimento. Assim, o presente capítulo aborda, inicialmente, a educação de forma geral nos seus primórdios e, em seguida, a educação no Antigo Testamento, e as diferentes concepções da mesma de acordo com as suas divisões básicas: Pentateuco, Profetas e Escritos.

1.1 A EDUCAÇÃO NOS SEUS PRIMÓRDIOS

É emblemática a colocação de Elvo Clemente acerca das origens dos estudos na antiguidade:

O fato é que desde que o ser humano se colocou em pé começou a transmissão de conhecimentos. O que uma geração aprendia, transmitia às outras. Pois afirma o Vate da Língua Portuguesa: “o saber de experiência feito”. Quem diz experiência diz transmissão de ideias, de usos, de conquistas às gerações subsequentes. Era a comunicação oral, era a observação do que o outro ia fazendo e assim iam crescendo as ciências e as técnicas.¹

Confúcio (551-479 a.C.), filósofo chinês, numa época de corrupção na China, priorizou a ética nas relações pessoais e políticas. Defendeu que o caminho do saber chama-se instrução. Segundo ele, o céu conferiu a Natureza ao ser humano e estar em conformidade com ela chama-se saber:

A educação, então, consistia em comunicar a cada indivíduo, desde a infância, como devia caminhar na “senda do saber”. E essa senda nada mais era do que um conjunto de usos e costumes, de conhecimentos e artes, consagrados pela milenar tradição.²

Essa educação se iniciava na família, cabendo ao pai o ensinamento. A família era considerada a base da organização social e, por isso, a responsabilidade era da família para com a educação. Por outro lado, ainda que não instituído

¹ CLEMENTE, Elvo. Apresentação: os estudos da antiguidade. In: BAKOS, Margaret Marchiori; CASTRO, Ieda Bandeira; PIRES, Leticia de Andrade. *Origens do Ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 7.

² PILLETTI, Claudino; PILLETTI, Nelson. *História da educação: de Confúcio a Paulo Freire*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 16.

regularmente, o ensino também acompanhava a tradição, que estabeleceu dois graus: o ensino elementar e o superior. O primeiro era ministrado às crianças dos 7 aos 14 anos por professores na casa paterna ou em pequenas escolas. Esse ensino não era obrigatório e o objetivo era conservar a unidade e manter as tradições ancestrais, além de leitura, escrita e cálculo. Já o ensino superior tinha o objetivo de formar os funcionários e os mandatários do Estado.³

Os gregos, por sua vez, tinham seus mitos elaborados através do contar e narrar histórias, “um dos métodos de ensino e transmissão de cultura mais antigo e onipresente nas sociedades humanas [...]. Os antropólogos verificam este fenômeno nas tribos da antiguidade e nas atuais”.⁴

Clemente pondera sobre a Grécia que a sua posição geopolítica auxiliou na expressão cultural e científica daqueles séculos, através dos estudos e investigações filosófico-pedagógicas. Destaca que:

A expansão do mundo grego com Alexandre da Macedônia, com a adoção da *koiné* grega nos países civilizados tudo isso facilitou que os pedagogos gregos, prisioneiros dos romanos se dedicassem a educar os nobres do Lácio e de outros pontos importantes do Império Romano. A própria língua latina sofreu a helenização pela qual tornou-se língua adaptada à poesia, filosofia e às belas artes.⁵

Harry Bellomo informa que a educação era, na Grécia, uma obrigação e um direito dos pais. Porém, a partir de dado momento, o Estado passava a ser responsável pela educação.⁶

Em Creta, até os 17 anos os meninos ficavam com os pais para, e seguida, até os 27 anos, serem encaminhados para uma escola que os ensinava as funções de soldados e administradores. Em Esparta a educação para meninos e meninas era praticamente a militar, sendo a intelectual resumida à música, dança e poesia, porém também com a finalidade de formar bons militares. Ainda em Esparta o Estado era responsável pela educação já a partir dos sete anos da criança.⁷

³ PILLETTI; PILLETTI, 2012, p. 16-18.

⁴ GEORG, Sherron K. *Igreja ensinadora: fundamentos bíblico-teológicos e pedagógicos da educação cristã*. Campinas: Ed. Luz para o caminho, 1993. p. 44.

⁵ CLEMENTE, 2000, p. 9-10.

⁶ BELOMO, Harry. A formação do Jovem no mundo grego. In: BAKOS, Margaret Marchiori; CASTRO, Ieda Bandeira; PIRES, Leticia de Andrade. *Origens do Ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 189.

⁷ BELLOMO, 2000, p. 189.

Em Atenas o objetivo da educação era a formação integral do homem, fazendo-o sabedor dos seus direitos e deveres. Eram seguidos três pontos básicos, exclusive para rapazes de classe superior, enquanto as meninas eram educadas para o lar, além de ler, escrever, poesia e música:

- a) as artes, com a música, a dança e a poesia, esta para transmitir as tradições e para adestrar o corpo num padrão de harmonia e beleza;
- b) os exercícios ginásticos e militares, para formar os corpos treinar para os combates, com aulas de luta, arco e flecha e treinamentos estratégicos;
- c) a filosofia, incluindo a geografia, história, astronomia, biologia, ética, estética, metafísica, etc.⁸

O objetivo destes três pontos era abranger as áreas da personalidade humana: “Artes para desenvolver a sensibilidade e a imaginação, ginástica para conseguir o corpo perfeito e filosofia para interpretar o mundo e organizar o pensamento”.⁹

Há, claramente, uma proposta pedagógica pensada e elaborada para a formação pessoal dos indivíduos, inclusive refletindo no tipo de sociedade, atribuindo ao sexo masculino um tipo de atividade e para o feminino outro. Também chama a atenção que cada cidade possuía um processo educacional diferente, de acordo com as suas aspirações e tradições.

Destacam-se, ainda, no mundo grego, modelos de educação a partir de Platão (429-347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.). Platão fundou a Academia, em Atenas, para estudos em matemática e astronomia. A Academia permaneceu até 529 d.C., com algumas interrupções. Especificamente sobre a educação, propunha que deveria ser estatal e atender às áreas do desejo (instintos), do coração (sentimentos) e da razão (inteligência).¹⁰

Conforme Claudino e Nelson Pillatti, para Platão “[...] a educação consiste na atividade que cada homem desenvolve para conquistar as ideias e viver de acordo com elas. O conhecimento não vem de fora para o homem, mas é um esforço da alma para apoderar-se da verdade.”¹¹ Acrescentam os autores que o objetivo da educação para Platão é a formação moral do homem, cujo meio para alcançar esse

⁸ BELLOMO, 2000, p. 189-190.

⁹ BELLOMO, 2000, p. 190.

¹⁰ BELLOMO, 2000, p. 191.

¹¹ PILLETTI, PILLETTI, 2012, p. 28-29.

objetivo é o Estado, uma vez que este representa a ideia de justiça. “Assim, podemos dizer que a ideia central da pedagogia platônica é a formação do homem moral dentro do Estado justo.”¹²

Diferente de muitas concepções que defendiam a formação inicial se dar na família, Platão considerava a influência dos mais velhos como sendo corruptora. Por isso,

[..] estabelecia que as crianças fossem separadas dos pais e encaminhadas para o campo. Lá, até os 10 anos, educação seria principalmente física, com brincadeiras e esporte. Pretendia-se, com isso, criar uma reserva de saúde para toda a vida.¹³

Aristóteles, aluno da Academia de Platão, defendia que a educação deveria iniciar pela educação da família, com o objetivo do desenvolvimento humano. Também deveria iniciar pelo corpo (instintos) e finalizando com o intelecto, sendo progressiva e integral.¹⁴

Música, poesia, harmonia e ritmo, matemática, história e ciências eram componentes da etapa seguinte, até chegar aos 20 anos, quando era avaliados e encaminhados ou para carreira militar (os chamados reprovados) ou para a filosofia (os aprovados).

Aristóteles desenvolveu a filosofia prática através do estudo da ética, estabelecendo como o ser humano deve viver. Diferente de Platão, considerava a família a primeira instância da educação das crianças. Os governantes deveriam vigiar e regular o funcionamento das famílias, garantindo que crescessem saudáveis e conscientes das obrigações cívicas.¹⁵

Sua pedagogia defendia a imitação, pois os bons hábitos se formavam pelo exemplo dos adultos. Uma concepção diferente também da de Platão, que defendia a reminiscência, ou seja, a não transmissão do conhecimento, mas o incentivo em buscar respostas por si próprios, através dos debates e da conversação.¹⁶

¹² PILLETTI, PILLETTI, 2012, p. 29.

¹³ PILLETTI, PILLETTI, 2012, p. 29.

¹⁴ BELLOMO, 2000, p. 191-193.

¹⁵ PILLETTI, PILLETTI, 2012, p. 31.

¹⁶ PILLETTI, PILLETTI, 2012, p. 30-31.

Abbagnano e Visalberghi¹⁷ comentam que, para Aristóteles, pelo fato do homem ser um animal essencialmente político, que vive em sociedade e somente nela pode alcançar a virtude, o Estado tem a obrigação de velar pelo bem-estar dos cidadãos e, principalmente, pela sua educação moral para que sejam conduzidos à virtude. Complementam os autores que:

Función esencial del Estado es la *educación de los ciudadanos* que será uniforme para todos y enderezada no sólo a la preparación para la guerra sino también para la vida pacífica y, sobre todo, para la virtud. [...] Dado que sólo debería ser ciudadano quien disponga de “ocio” (scholé, otium) “para la formación de la virtud y para la actividad política”, el ideal educativo de Aristóteles es netamente “liberal”, y no sólo condena todas las artes mecánicas como indignas del hombre libre y susceptibles de generar una sensibilidad tosca y vulgar, sino que propugna porque las mismas ciencias teóricas se estudien sin finalidades profesionales. El estudio debe ser desinteresado; también el arte (junto a la música, Aristóteles atribuye importancia al dibujo) debe practicarse en medida que no rebase el punto necesario para afinar el gusto.¹⁸

Alertam os autores para aquilo que talvez seja a maior crítica a Aristóteles, por considerar que os escravos assim são por natureza, incapazes de atividades humanas e livres, e, portanto, excluídos dessa educação cidadã.

A “*paideia*”, que sintetiza a noção de educação grega, e que inicialmente referia-se à educação familiar, os bons modos e princípios morais, é a origem de um modelo de educação semelhante ao da contemporaneidade, conforme explica Santiago:

Os gregos serão os primeiros a colocar a educação como problema: na literatura grega surgem sinais de questionamento do conceito, seja na poesia, tragédia ou na comédia. Os Sofistas e depois Sócrates, Platão, Isócrates e finalmente Aristóteles elevarão o debate ao estatuto de uma importante questão filosófica. Assim, em meio à sociedade ateniense, “*paideia*” passa a se referir a um processo de educação no qual os estudantes eram submetidos a uma programa que procurava atender a todos os aspectos da vida do homem. Entre as matérias abordadas estavam a geografia, história natural, gramática, matemática, retórica, filosofia, música e ginástica.¹⁹

Essa educação grega influenciou o cristianismo primitivo. Jaeger explica que as descobertas do chamado “Rolos do Mar Morto” lançam luz sobre o período da

¹⁷ ABBAGNANO, Nicola; VISALBERGHI, A. *Historia de la Pedagogía*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

¹⁸ ABBAGNANO; VISALBERGHI, 1992, p. 69.

¹⁹ SANTIAGO, Emerson. *Paideia*, *Infoescola*, 2012. s/p. Disponível em: <http://www.infoescola.com/educacao/paideia/>. Acesso em 19 maio 2017.

religião judaica, tendo sido traçados paralelos entre a piedade ascética da seita religiosa que vivia às margens do Mar Morto com a mensagem de Jesus. Entre as similaridades, destaca:

Mas uma grande diferença se destaca, a saber, o fato de que o *kerygma* cristão não parou no Mar Morto ou nos limites da Judeia, mas ultrapassou sua exclusividade e isolamento local e adentrou no mundo circunvizinho, que era um mundo unificado e dominado pela civilização e pela língua grega.²⁰

Assim, houve uma expansão da civilização grega e uma cristianização deste mundo grego. No caso do período apostólico, Jaeger aponta para o primeiro estágio do helenismo cristão no uso da linguagem grega. Isso se verifica até o tempo dos Pais Apostólicos. Essa linguagem entram no pensamento cristão conceitos, categorias de pensamento, metáforas herdadas e conotações sutis.²¹

A língua grega era falada nas sinagogas, assim como Paulo teve sua vida missionária baseada nesse idioma, sendo as suas discussões com os judeus, em suas viagens para levar o Evangelho, em grego, com as sutilezas da argumentação lógica grega.²²

Esses passos de Paulo, com base na tradição filosófica grega, foram seguidos a ponto de Filipe, no apócrifo *Atos dos Apóstolos Filipe*, dizer que veio para revelar a *paideia de Cristo*, de modo a fazer

[...] o cristianismo parecer como sendo uma continuação da *paideia* grega clássica, o que tornaria a sua aceitação lógica para aqueles que possuíam a mais antiga. Ao mesmo tempo, [...] a *paideia* clássica está sendo substituída por tornar Cristo o centro de uma nova cultura. A antiga *paideia*, desse modo, converte-se em instrumento.²³

O cristianismo, portanto, nas suas origens, se alimentou da cultura grega. Revela Torres, por exemplo, que há evidências de escolas primárias gregas na Palestina a partir de III a.C.²⁴

²⁰ JAEGER, Werner. *Cristianismo primitivo e paidea grega*. Santo André, SP: Academia Cristã, 2014. p 11.

²¹ JAEGER, 2014, p. 13.

²² JAEGER, 2014, p. 14.

²³ JAEGER, 2014, p. 22.

²⁴ TORRES, Milton Luiz. O cuidado da criança nos primórdios da educação grega : semelhanças e contrastes com a educação hebraica. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 24, 2011, p. 34-41. p. 35. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/126/157>. Acesso em 10 maio 2017.

1.2 A EDUCAÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO

O Antigo Testamento, na sua escrita, também aponta para semelhanças com a cultura grega no que tange à educação, como a preocupação paterna e materna às necessidades das crianças. Torres trata do caso de Samuel que, ainda pequeno, teria sido levado ao templo a fim de receber educação especial, revelando a questão da preocupação com a educação para com a criança. Torres revela que:

Desde o século VIII A.C. havia, na Palestina, escolas para escribas e jovens de uma idade mais madura podiam formalmente se tornar discípulos dos profetas, mas o costume de coloca-los sob a tutela de grandes rabinos só se desenvolveu após o retorno do cativo babilônico.²⁵

Fato é que tanto as tradições gregas como o legado hebreu contribuíram para a formação da tradicional educação do Ocidente “[...] e para o reconhecimento da educação infantil como importante fase do processo de formação do cidadão”.²⁶

A educação no Antigo Testamento pode ser vista a partir das divisões entre Pentateuco, Profetas e Escritos, além de, especificamente, poder se tratar dos escribas e dos levitas. Esta tri-divisão corresponde aos escritos massoréticos, 24 textos hebraicos divididos em três seções: a Torá (ou "Pentateuco"); o Nevi'im (ou "Profetas"); e o Ketuvim (ou "Escritos"). Bacich explica que a Torá reúne os livros da Lei. “Os profetas são escritos antes do exílio na Babilônia, os textos dos Escritos, depois.”²⁷ Böhm complementa que:

Os primeiros cinco livros do Antigo Testamento que foram considerados *sagrados* ou *canônicos*, foram os da Lei, isto é, os cinco primeiros [...]. Depois foram reconhecidos como divinamente inspirados os livros proféticos, pois o cumprimento das profecias deu autenticidade aos mesmos [...]. Mais tarde ingressaram entre os *sagrados* os chamados *escritos*.²⁸

Nesta tri-divisão há concepções diferentes de educação. Na Bíblia, na chamada Israel antiga, Creenshaw menciona que a educação se originou com o

²⁵ TORRES, 2017, p. 35.

²⁶ TORRES, 2017, p. 41.

²⁷ BACICH, Alexandre Zanca. *Síntese Teológica*. Florianópolis: Bookess Editora, 2016. p. 13-14.

²⁸ BÖHM, Paulo G. *O Antigo Testamento: uma visão ao seu alcance*. Porto Alegre: Gráfica e Editora Photo & Cia Ltda, 2003. p. 17.

desejo de ordem e continuidade. Destaca que para combater o poder da sedução do caos, os mais velhos tomaram a frente para que os jovens não caíssem nas armadilhas da vida diária. Por isso, os primeiros professores na comunidade foram os pais, sendo o lar o cenário natural para as instruções.²⁹

1.2.1 O Pentateuco

O Pentateuco (os livros da Lei) abre a Bíblia com livros fundamentais que relatam a “história da salvação” do povo de Israel: a Criação, a chamada de Abraão, o êxodo, a peregrinação até a terra prometida. São histórias repetidas, o chamado aspecto repetitivo do seu ensino, que possibilitou aos judeus transmitirem aos seus filhos a herança histórica, as orientações éticas e os ensinamentos até a contemporaneidade.³⁰ Georg aponta que:

O Pentateuco, a primeira das três partes do Antigo Testamento, é a que mais se caracteriza como processo de ensino diretivo de Deus. O conteúdo programático está pronto. A primeira e a segunda gerações aprenderão juntas, no momento da implantação do ensino, mas dali em diante caberá à geração mais velha o desenvolvimento do processo dialógico de ensino, e à geração mais nova a continuidade da transmissão desse ensino.³¹

Georg³² destaca a preocupação com o processo educativo desde o começo da Bíblia. Aponta duas ênfases didáticas no Pentateuco, as narrações diretas do passado e com significado para o presente, e as instruções. No livro do Êxodo e em Levítico há as instruções referentes aos cultos, às cerimônias, às leis e à ética. Enfatiza as perguntas que poderão vir a ser feitas pelas crianças e como estas devem ser respondidas, como em Êxodo 12.26-27: “Quando vossos filhos vos perguntarem: que rito é este? Respondereis: é o sacrifício da Páscoa ao Senhor, que passou por cima das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios e livrou as nossas casas [...]”

²⁹ CRENSHAW, James L. *Education in ancient Israel: across the Deadening Silence*. Nova Iorque: Doubleday, 1998.

³⁰ GEORG, 1993, p. 43-44.

³¹ GEORG, 1993, p. 44.

³² GEORG, 1993, p. 45-46.

Também encontramos instrução semelhante para responder em Êxodo 13.14: “Quando teu filho amanhã te perguntar: que é isso? Responder-lhe-ás: o Senhor com mão forte nos tirou da casa da servidão”.

Em Deuteronômio 6.20-21 encontramos igualmente essa instrução de resposta às perguntas dos filhos:

Quando teu filho, no futuro, te perguntar dizendo: que significam os testemunhos, e estatutos, e juízos que o Senhor, nosso Deus, vos ordenou? Então dirás a teu filho: éramos servos de faraó, no Egito; porém o Senhor de lá nos tirou com poderosa mão.

Essa forma de ensinamento com respostas diretas e objetivas assim podem ser compreendidas pelo fato de que se trata de uma forma de vida a ser seguida para que se obtenha o bem, a vida guardada por Deus. Em outras palavras, se trata de uma instrução sem a necessidade da reflexão, uma vez que se apresenta como uma ordem para que se alcance a proteção de Deus:

O Senhor nos ordenou que cumpríssemos todos estes estatutos e temêssemos o Senhor, nosso Deus, para o nosso perpétuo bem, para nos guardar em vida, como tem feito até hoje. Será por nós justiça, quando tivermos cuidado de cumprir todos estes mandamentos perante o Senhor, nosso Deus, como nos tem ordenado. (Dt 6.24-25).³³

Por outro lado, a partir do exposto, pode-se constatar que os educadores são os pais, que se utilizaram dos rituais religiosos para instruir os filhos. O culto e os ritos dramatizados têm uma função pedagógica, assim como os símbolos auxiliam as crianças entender a crença. Como livro mais didático da Torá, Georg cita Deuteronômio, como livro de instruções e de preparo para a entrada na terra prometida, além das orientações aos pais. “Todos os pais eram professores, e o lar era o centro da educação religiosa. [...]. Quem ama ao Senhor é motivado a ensinar seus filhos, aproveitando as oportunidades e respondendo a todas as perguntas”.³⁴ Isto pode ser verificado em Deuteronômio 4.9-10:

Tão somente guarda-te a ti mesmo e guarda bem a tua ama, que te não

³³ Outras passagens bíblicas reproduzem essa mesma metodologia, de ‘pergunta e resposta, como em Josué 4.6;21: “[...] para que isto seja por sinal entre vós, e, quando vossos filhos, no futuro, perguntarem, dizendo: que vos significam estas pedras? [...] E disse aos filhos de Israel: quando, no futuro, vossos filhos perguntarem a seus pais, dizendo, que significam essas pedras? [...]”.

³⁴ GEORG, 1993, p. 46.

esqueças daquelas coisas que os teus olhos têm visto, e se não apartem do teu coração todos os dias da tua vida, e as farás saber a teus filhos e aos filhos de teus filhos. Não te esqueças do dia em que estiveste perante o Senhor, teu Deus, em Horebe, quando o Senhor me disse: reúne este povo, e os farei ouvir as minhas palavras, a fim de que aprenda a temer-me todos os dias que na terra viver e as ensinarás a seus filhos.

É utilizada a palavra “inculcar”³⁵ para educar aos filhos e netos, em Deuteronômio 6.4-9:

Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreveréis nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.

O ensino não fica apenas nas palavras ditas, mas também escritas e marcadas no corpo e na casa, de modo que não passe despercebido. Pode-se destacar a técnica Mnemônica, ou seja, de memorização, já destaca em:

- “Divulgarão a memória de tua bondade e com júbilo celebrarão a tua justiça” (Sl 145.7);
- “A memória do justo é abençoada, mas o nome dos perversos cai em podridão” (Pv 10.7).

E posteriormente também no Novo Testamento, em:

- “E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim” Lc 22.19;
- “Entretanto, vos escrevi em parte mais ousadamente, como para vos trazer isto de novo à memória, por causa da graça que me foi outorgada por Deus” Rm 15.15.

Em Deuteronômio 32.7 há a ênfase para que se passe para todas as gerações, para além dos filhos: “Lembra-te dos dias da antiguidade, atenta para os anos de gerações e gerações; pergunta a teu pai, e ele te informará, aos teus anciãos, e eles te dirão”.

Nesse sentido, a finalidade da educação aqui pode ser percebida como a transmissão às gerações futuras do conhecimento para enfrentar a vida na presença de Deus.

³⁵ De acordo com o Dicionário Houaiss, inculcar tem como significados: gravar, imprimir algo no espírito de alguém, repetir seguidamente; dar informações a respeito; recomendar; aconselhar; dar a entender; apresentar. HOUAISS, 2009, S/P.

1.2.2 Os Profetas

De acordo com Abrego, os profetas são aqueles inspirados por Deus para ver a realidade com os olhos dEle. Eles denunciam os males e anunciam a salvação. “O profeta é um ser vivo, poeta, pessoa do seu tempo e do seu Deus.”³⁶ Champlin e Bentes destacam que, etimologicamente, a palavra profeta – *nabi* – significa anunciador, declarador e aquele que anuncia as mensagens de Deus, “[...] frequentemente recebidas por alguma revelação ou discernimento intuitivo”.³⁷

O caráter educacional, no sentido de ensinar, pode ser compreendido a partir de Ausin, quando menciona que:

Os profetas não se limitam a testemunhar os acontecimentos dos quais são protagonistas ou que os interessem mais ou menos diretamente, mas aprofundam o seu sentido, qualificam atores e mostram para onde eles apontam.³⁸

Os profetas evidenciam a mudança da educação do lar para o trono, tornando-se “palaciana”, sendo eles, os profetas, os pedagogos. Eram eles quem denunciavam as práticas ilícitas, bem como anunciavam as boas novas, sempre no contexto sócio-político. “Assim, o sistema educacional divino está direcionado para o aspecto corretivo. A análise crítica do profeta não é direcionada ao conteúdo pragmático, mas à atitude do aprendiz”.³⁹

Além de possuírem também seus discípulos – aprendizes – usavam métodos visuais⁴⁰. Sicre menciona que a transmissão da mensagem se dava por três meios: a palavra falada, a palavra escrita e a ação simbólica.⁴¹

Entre os métodos utilizados, há um como o de Isaías ao andar despido e descalço (Is 20). Também Jeremias despedaçou um vaso do oleiro:

³⁶ ABREGO, José María. Os falsos profetas. In: SICRE, José Luís. *Os profetas*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 84.

³⁷ CHAMPLIN, Russell Norman; BENTES, João M. *Enciclopédia de Bíblia: teologia e filosofia*. vol. 5. São Paulo: Candeia, 1997. p. 423.

³⁸ AUSIN, Santiago. Os profetas e a história. In: SICRE, José Luís. *Os profetas*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 67..

³⁹ GEORG, 1993, p. 47.

⁴⁰ GEORG, 1993, p. 49.

⁴¹ SICRE, José Luís. *Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 137.

Então quebrarás a botija à vista dos homens que foram contigo e lhes dirás: assim diz o senhor dos Exércitos: deste modo quebrarei eu este povo e esta cidade, como se quebra o vaso do oleiro, que não pode mais refazer-se, [...]. (Jr 19.10-11).

Ezequiel também se utilizou de método visual, no caso um tijolo, para representar a cidade de Jerusalém:

Tu, pois, ó filho do homem, toma um tijolo, põe-no diante de ti e grava nele a cidade de Jerusalém. Põe cerco contra ela, edifica contra ela fortificações, levanta contra ela tranqueiras e põe contra ela arraias e aríetes em redor. Toma também uma assadeira de ferro e põe-na por muro de ferro entre ti e a cidade; dirige para ela o rosto, e assim será cercada, e a cercarás; isto servirá de sinal para a casa de Israel. (Ez 4.1-3).

Há uma diversidade de gêneros literários utilizados para a transmissão da mensagem, além do tradicional discurso ou sermão. São gêneros tirados das áreas diversas, como da sabedoria tribal ou familiar, do culto, da vida diária ou da esfera judicial⁴², sempre de acordo com o teor da mensagem. Porém, o gênero específico dos profetas é o oráculo de condenação, dirigido a um indivíduo ou a um grupo.⁴³

Para que as profecias fossem acreditadas, as ações dos profetas devem estar de acordo com aquilo que anunciam, semelhante ao que Jesus faz no Novo Testamento. Há a exortação para o envolvimento do povo nas ações, ou seja, a necessidade da participação do povo, sendo este sujeito da história.

Enfim, Champlin e Bentes esclarecem que os profetas foram os instrumentos de Deus para dar forma escrita às revelações divinas, na forma das Sagradas Escrituras.⁴⁴ Disto pode-se dizer que, através dos seus métodos diversos acima mencionados, com vários gêneros literários, acabaram por revelar a Palavra de Deus, de forma didática e com uma pedagogia que pudesse atingir a toda a gente.

1.2.3 Os Escritos

Nos chamados Escritos há uma intenção didática. “Os livros de Jó, Provérbios e Eclesiastes procuram responder à pergunta: ‘onde se achará’ (Jo 28.12).”⁴⁵ A

⁴² SICRE, 1998, p. 143-146.

⁴³ SICRE, 1998, p. 147- 151.

⁴⁴ CHAMPLIN; BENTES, 1997, vol. 5, p. 425.

⁴⁵ GEORG, 1993, p. 51.

diferença em relação aos livros do Pentateuco é o caráter subjetivo e existencial, quando as respostas nem sempre são evidentes.

Há um espaço para questionamentos, investigações científicas e filosóficas, observações, debates e descobertas, fazendo do processo educativo uma busca pelo existencial. “Não é um processo fechado, controlado, manipulado ou abafador. Ao contrário, é um processo aberto, que envolve todos os aspectos da vida e da experiência humana no mundo”.⁴⁶

Georg⁴⁷ assinala que, no livro de Jó, as respostas de Deus não provêm de forma direta, automática, mas são fruto resultado, de uma parte da sabedoria de Deus que sustenta e nutre os indivíduos, mas cuja descoberta se dá através da experiência no mundo. Ou seja, Deus dá a fonte, mas a resposta é algo que exige a reflexão do indivíduo.

Já o livro dos Provérbios é mais um manual de instruções práticas, da moral e da ética. São instruções para os pais, estes como responsáveis pela educação dos filhos, como em Provérbios 22.6: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele.”

Essa responsabilidade dos pais pela educação dos filhos fica evidente para os próprios filhos, como consta em Provérbios 1.8: “Filho meu, ouve o ensino do teu pai, e não deixeis a instrução de tua mãe.”

Há que se ressaltar que a educação objetivada é o Senhor, ou melhor, o bem prometido pelo Senhor. A sabedoria pretendida é esta, a de estar longe do mal e desta forma alcançar a abundância da vida. “Não sejas sábio aos teus próprios olhos: teme ao Senhor e aparta-te do mal; será isto saúde para o teu corpo e refrigério para os teus ossos”. (Pv 3.7).

1.2.3.1 Os Escribas

Georg chama a atenção também para os escribas, mestres profissionais da lei, que ensinavam o povo. Durante e depois do exílio o ensino toma outro formato,

⁴⁶ GEORG, 1993, p. 51.

⁴⁷ GEORG, 1993, p. 51.

mais especializado, sendo a Lei ensinada pelos escribas. A sinagoga, por sua vez, torna-se a escola, onde se recorda a Torá, sendo, portanto, a lei mosaica o texto.⁴⁸

A formação dos escribas se dava pelo fato de se qualificar os funcionários do Estado. Por isso, havia muito rigor na sua educação. Eram dedicados ao aprendizado da escrita, cujo método de aprendizagem adotado era a realização de cópias dos textos clássicos utilizados pelos professores.⁴⁹ Suas funções estavam relacionadas ao templo e ao palácio, responsáveis em transmitir os desejos das instituições para a sociedade, além de elaborar documentos. Champlin e Bentes sustentam que “A função escribal de compor documentos legais particulares é largamente confirmada na Mesopotâmia e no Egito, desde antes, durante e após o período bíblico.”⁵⁰

Bakos⁵¹, ao refletir sobre a formação do escriba no antigo Egito, lembra da paleta de Narmer, e os sinais nela contidos. Através destes sinais, foram analisados os procedimentos da comunicação escrita, com figuras humanas e de animais, além das cores. Essa escrita inicial é conferida aos escribas. O escriba é muito valorizado e possuía uma posição de destaque na sociedade. “O título de escriba diante de um nome de um personagem possivelmente funcionava como um sinal distintivo, honorífico. [...] tornar-se escriba significava alcançar uma posição cômoda no antigo Egito.”⁵²

No entanto, essa vida boa não vem fácil.

[...] podemos questionar essa vida tão boa face as evidências sobre o lento e exaustivo processo de formação desse profissional, pelas dificuldades de aprender tantas escritas diferentes, e pelos tipos de atividades que lhe eram exigidas, quando já qualificados.⁵³

Calonga expõe que, com o passar do tempo, o trabalho do escriba foi atingindo as camadas mais cultas da sociedade.

⁴⁸ GEORG, 1993, p. 50.

⁴⁹ CALONGA, Tania Aparecida da Silva. *A dupla face de Salomão: memórias de uma escola de escribas no século X A.C.*. São Bernardo do Campo, SP: 2012. 227 f. Tese (Doutorado) - Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Humanidades e Direito, São Bernardo do Campo, 2012. p. 98.

⁵⁰ CHAMPLIN, Russell Norman; BENTES, João M. *Enciclopédia de Bíblia: teologia e filosofia*. vol. 2. São Paulo: Candeia, 1997. p. 462.

⁵¹ BAKOS, Margaret Marchiori. A formação do escriba no antigo Egito. In: BAKOS, Margaret Marchiori; CASTRO, Ieda Bandeira; PIRES, Letícia de Andrade. *Origens do Ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

⁵² BAKOS, 2000, p. 146;157.

⁵³ BAKOS, 2000, p. 157.

[...] verifica-se um crescimento considerável da camada mais culta da sociedade. Dessa forma, o uso da escrita e dos livros e a importância dos escribas foram bastante favorecidos. Muitos membros da elite passaram a levar para os túmulos cópias de textos que o defunto apreciava.⁵⁴

Também acabaram, por isso, a se dedicar à literatura de passatempo, sendo também, portanto, “inventores” de textos, passando a produzir cultura, obras literárias. Importante também mencionar que os escribas não apenas mais reproduziam textos, mas os interpretavam também.⁵⁵

Outro aspecto importante diz respeito aos primeiros textos referentes à história de Israel, surgidos na época de Salomão, e que foram produzidos por escribas. Utilizaram as tradições do norte e do sul e fizeram um trabalho de junção das tradições para uma mesma história.⁵⁶

Esdras foi um escriba e

[...] assinalou a linha divisória entre a antiga e a nova compreensão sobre o que era ser um escriba. De fato, a transição é sugerida desde o livro de Esdras, pois, no decreto real (Ed 7.12-26), a palavra escriba é usada em sentido administrativo, e na narrativa geral (Ed 7.6;11), o termo se refere a Esdras, o qual, em razão da sua erudição, fora capaz de interpretar a Lei para o povo comum.⁵⁷

Conforme Georg, Esdras foi um dos primeiros doutores da Lei, além de sacerdote.

Ele era escriba versado na Lei de Moisés, dada pelo Senhor, Deus de Israel; e, segundo a boa mão do senhor, seu Deus, que estava sobre ele, o rei lhe concedeu tudo quanto pedira. [...]. Porque Esdras tinha disposto o coração para buscar a Lei do Senhor, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos. (Ed 7.6;10).

A lei de Moisés, conforme apontam Champlin e Bentes, tornou-se obrigatória através de decreto da corte persa, para os judeus que viviam além do Eufrates. “A tarefa essencial dos intérpretes da lei de Moisés lhes foi conferida oficialmente,

⁵⁴ CALONGA, 2012, p. 102.

⁵⁵ CALONGA, 2012, p. 103.

⁵⁶ CALONGA, 2012, p. 104.

⁵⁷ CHAMPLIN; BENTES, 1997, vol. 2, p. 463.

dentro dessa nova capacidade civil, aos sacerdotes (Esdras) e aos levitas (Ne 8.6-9).⁵⁸

Champlin e Bentes informam ainda que “durante a monarquia unificada de Israel, e durante a posterior monarquia judaica, um número substancial de escribas vinha dos levitas”.⁵⁹ Os levitas são destacados a seguir.

1.2.3.2 Os Levitas

O termo *levitas* designa os descendentes de Levi e que ocuparam ofícios subordinados ao sacerdócio. Eram representantes de toda a nação quanto às questões de honra, privilégio e obrigações do sacerdócio. Na tríplice divisão do sacerdócio (sumo sacerdote, sacerdotes comuns, levitas) todos descendiam de Levi, porém nem todos eram sacerdotes. “Entre as tarefas dos levitas estavam aquelas de preservar, copiar e interpretar a lei mosaica.”⁶⁰

Mesters expõe que eram os animadores das celebrações no remoto início do Antigo Testamento. Os levitas

[...] possuem algo em comum que tem a ver com culto e celebração, com a ligação das pessoas com Deus. Os levitas tinham função mediador: animar a fé do povo de Deus YHWH e ser os representantes de Deus junto ao povo e do povo junto a Deus.⁶¹

O despertar de vocações é uma das suas “especialidades”. Os levitas surgem para rezar o terço, organizar uma novena, romaria, festa ou grupo de reflexão em sobre a palavra de Deus, normalmente nos santuários. Mesters também enfatiza outra atribuição que tem a ver mais diretamente com a função de ensinar: observar a Palavra e transmiti-la ao povo, conforme Deuteronômio 33.9c-10a: “[...] pois guardou a tua palavra e observou a tua aliança. Ensinou os teus juízos a Jacó, e a tua lei a Israel”. Conforme Mesters,

A missão dos levitas é observar a palavra de Deus, guardar a Aliança,

⁵⁸ CHAMPLIN; BENTES, 1997, vol. 2, p. 463.

⁵⁹ CHAMPLIN; BENTES, 1997, vol. 2, p. 462.

⁶⁰ CHAMPLIN, Russell Norman; BENTES, João M. *Enciclopédia de Bíblia: teologia e filosofia*. vol. 3. São Paulo: Candeia, 1997. p. 793.

⁶¹ MESTERS, Carlos. *Fundamentação Bíblica das celebrações nas casas*. São Leopoldo: CEBl, 2016. p. 17.

ensinar as normas da lei ao povo. Este é o objetivo da presença deles no meio do povo: iluminar tudo com a luz da Palavra de Deus. assim a aliança será guardada e observada.⁶²

Enfim, os levitas ensinavam o povo. Em Neemias 8.7-8 consta que “[...] levitas ensinavam o povo a Lei; e o povo estava em seu lugar. Leram no livro no Livro, na Lei de Deus, claramente dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia”. Na análise de Georg,

Neste texto o livro da Lei de Moisés foi lido e depois os levitas devem ter dividido o povo em grupos de reflexão. Percebe-se que importante cumpre-se não apenas ler, narrar, ensinar ou memorizar, mas descobrir e entender o significado e a relevância daquilo que é ensinado.⁶³

Uma observação importante a respeito da interpretação na Lei, na história do judaísmo, é que às vezes ela se tornou em legalismo “[...] como vemos nos escribas das sinagogas no tempo de Jesus”.⁶⁴

Outra observação importante faz Mesters, para resgatar na contemporaneidade as celebrações nas casas, onde também os levitas assim faziam. Nessas celebrações há o ensino da Palavra de Deus. E esta retomada tem muito em comum com a sociedade contemporânea, mais vazia e de certa forma rachada como aconteceu no tempo dos levitas, à época do cativo da Babilônia:

O ambiente caseiro, a **casa**, e a necessidade de resistir e de sobreviver ocupavam novamente um lugar central, como na época dos Juizes, anterior à monarquia> ora, foi neste espaço reduzido e enfraquecido da família, da pequena comunidade, da “casa”, do clã, que acontece a redescoberta da presença criadora de Deus. YHWH, o Deus que antes estava ligado ao Templo, ao culto oficial, ao sacerdócio, ao clero, à monarquia, agora está perto deles, “em casa” [...].⁶⁵

Essa forma dos levitas, mais “caseira”, se revela mais aconchegante, acolhedora, íntima, numa relação entre iguais.

⁶² MESTERS, 2016, p. 23.

⁶³ GEORG, 1993, p. 50.

⁶⁴ GEORG, 1993, p. 50.

⁶⁵ MESTERS, 2016, p. 40-41.

1.3 SÍNTESE

Pode-se dizer que o ensino tem raízes bíblicas. As três divisões (Pentateuco, Profetas e Escritos) apresentam um modelo de ensino.

O Pentateuco apresenta singulares narrações do povo de Israel e as instruções morais e cerimoniais de Deus. Os profetas criticam e desafiam as estruturas que se desviam da Lei de Deus e pregam uma alternativa no seu Reino. Nos Escritos o ensino é prático, existencial, reflexivo e abrangente.⁶⁶

Igualmente os escribas, mestres profissionais da lei, que ensinavam o povo, e os levitas, que auxiliavam na compreensão da leitura da Lei de Deus.

Essa é parte da pedagogia de Deus, iniciada no Antigo Testamento como preparação para a chegada do Messias. Hackmann destaca duas premissas a respeito: a primeira, é a de que não se trata apenas de transmissão de conhecimento ou de um saber humano, mas “[...] de comunicar, na sua integridade, a Revelação de Deus”.⁶⁷

A outra premissa é a de que a Revelação de Deus está na história sagrada, na Bíblia, em especial nos Evangelhos⁶⁸, as Boas Novas, com Jesus Cristo.

Importante compreender que a pedagogia de Deus se revela de forma progressiva, elegendo, inicialmente, um povo. “Chamou Abraão, denominado ‘pai da fé’, por ter sido o primeiro a crer e obedecer a Deus. depois foi chamando outros, até chegar aos profetas, verdadeiros mensageiros de Deus [...]”.⁶⁹ Até chegar a Jesus Cristo.

Enfim, conforme Guzi, no Antigo Testamento a pedagogia de Deus se revelou na orientação do povo de Israel. “Deus respeitou as condições culturais, o ritmo e a capacidade de aprendizagem, estando muito presente no meio das alegrias e das tristezas. Ele agiu como um Pai amoroso que quer libertar seus filhos da escravidão.”⁷⁰ Deus fala também de forma compreensível e de forma eficaz, no

⁶⁶ GEORG, 1993, p. 53.

⁶⁷ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. A pedagogia de Deus. In: BAKOS, Margaret Marchiori; CASTRO, Ieda Bandeira; PIRES, Leticia de Andrade. *Origens do Ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 47.

⁶⁸ HACKMANN, 2000, p. 47.

⁶⁹ HACKMANN, 2000, p. 48-49.

⁷⁰ GUZI, Elsa Líbera. *Contribuição da pedagogia de Jesus para a proposta atual do ensino religioso*. São Leopoldo, IEPG, 2001. p. 26.

sentido de que surge a seu tempo, de acordo com os acontecimentos. Demonstra confiança, pois aquele que confia será salvo.

Assim, pode-se aprender disso que os passos para uma pedagogia eficiente passam pela linguagem compreensível, por atender ao contexto dos educandos e no estabelecimento de uma relação de confiança mútua.

De modo geral, seja por provérbios, profecia, poesia, expressão idiomática, parábola, hipérbole, narrativa bíblica, cartas ou tratados, leis e cânticos, várias formas literárias foram empregadas com o objetivo de anunciar a Palavra de Deus, a vinda do Messias, enfim, o Reino de Deus.

2 METODOLOGIA DE ENSINO DE JESUS

Jesus Cristo foi um grande mestre ensinador. Seus ensinamentos permanecem vivos por causa da sua metodologia de ensino. Nesse sentido, pode se dizer que possuía uma pedagogia própria para este fim. Mas que pedagogia é esta? Antes de responder a esta pergunta, cabe refletir sobre o que é pedagogia e como era a educação em Israel nos tempos de Jesus.

2.1 PEDAGOGIA ENQUANTO CONHECIMENTO E PRÁTICA

Ensinar não é algo que simplesmente se decide fazer, de qualquer maneira. A arte de ensinar faz parte, na verdade, da ciência da educação. A pedagogia é a disciplina que conduz esse saber. Segundo Ghiraldelli⁷¹, a pedagogia tem a preocupação de como levar o indivíduo ao conhecimento, o meio e a forma. Ao mesmo tempo em que leva o ao conhecimento, preocupa-se com os métodos de como ensinar.

Etimologicamente, Hackmann⁷² lembra que a palavra pedagogia tem sua origem grega, *pais*, *dós*, que significa menino, criança, e *ágein*, que significa conduzir, levar.

A pedagogia, no seu sentido original, é a atividade de “condução da criança”. Era, na Grécia antiga, a atividade do escravo que conduzia as crianças aos locais de estudo, onde deveriam receber instrução de seus preceptores. O *escravo pedagogo* era o “condutor de crianças”. Cabia a ele levar o jovem até o local do conhecimento, mas não necessariamente era sua função instruir esse jovem.⁷³

A reflexão pedagógica visa, entre outras coisas, a preparação primeira e elementar da criança para a vida.⁷⁴ Enquanto ciência, Abbagnano destaca que na sua origem pedagogia significou:

[...] prática ou profissão de educador, passou depois a designar qualquer *teoria da educação*, entendendo por *teoria* não só uma elaboração organizada e genérica das modalidades e possibilidades da educação, mas

⁷¹ GHIRALDELLI, Paulo, Jr. *O que é pedagogia*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

⁷² HACKMANN, 2000, p. 45.

⁷³ GHIRALDELLI, 1987, p. 8.

⁷⁴ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 747.

também uma reflexão ocasional ou um pressuposto qualquer da prática educacional.⁷⁵

Hackmann menciona as muitas significações para o termo, como:

[...] a totalidade do pensar, falar e escrever sobre temas de educação em sentido mais lato e em todas as formas e ciência teórica, independente e pura, cujo objeto é a totalidade dos fenômenos da educação, que ela fixa, descreve e separa dos outros fenômenos da vida, e os estuda em sua peculiaridade e trata de entendê-los e interpretá-los.⁷⁶

Libâneo destaca igualmente esse aspecto de que a pedagogia é tida como modo de como se ensina a matéria, no uso das técnicas de ensino. Menciona que a pedagogia possui um significado bem mais amplo que isso, enfatizando-a como campo de conhecimento sobre questões educativas, além de diretriz que orienta a ação educativa.

Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes básicos da configuração da atividade humana.⁷⁷

Configura-se, assim, na teoria da prática educativa. Ghiraldelli ainda lembra que, assim como a pedagogia é uma prática educativa geradora de uma teoria pedagógica, a educação, ao mesmo tempo em que produz pedagogia, é efetivada pelas diretrizes da pedagogia.⁷⁸ Pode-se dizer que ela mesma, pedagogia, necessita da educação para produzir a teoria pedagógica.

Nesse sentido, pode-se lembrar Pimenta, que afirma que a pedagogia é discutida incessantemente, na área das ciências da educação, no que se refere ao ensino e à aprendizagem.⁷⁹ Ou, ainda, Demerval Saviani, para quem a pedagogia possui uma reflexão estreita com a filosofia e com a experiência e a prática, reforçando a metodologia.⁸⁰ Aliás, Mazzotti⁸¹ também menciona que a pedagogia é um conjunto de enunciados baseados em outras ciências.

⁷⁵ ABBAGNANO, 2007, p. 747.

⁷⁶ HACKMANN, 2000, p. 45-46.

⁷⁷ LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 30.

⁷⁸ GHIRALDELLI, 1987, p. 9.

⁷⁹ PIMENTA, Selma G. *Pedagogia, ciência da educação?* 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996. p. 40.

⁸⁰ SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia: o espaço da Educação na Universidade. Cadernos de Pesquisa*, v. 37. n. 130, p. 99-134, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n130/06.pdf>. Acesso em 13 fev. 2017.

Enfim, a definição de pedagogia sempre será objeto de estudo e debate entre pesquisadores. Para cada ciência pode haver um tipo de pedagogia, seja enquanto construção de conhecimento, ou como metodologia de ensino.

2.2 A METODOLOGIA DE JESUS

Após refletir acerca dos conceitos da pedagogia, como ciência da educação (a educação como conhecimento) e como estudo das práticas educativas, reflete-se sobre as metodologias aplicadas por Jesus. Georg ensina que:

O ministério de Jesus estava voltado para o ensino de uma forma altamente didática ao trabalhar intensamente a relação: professor-aluno-mensagem (currículo). [...]. Jesus também encarnou seus ensinamentos. Antes de tudo, Ele era um exemplo e modelo de tudo o que ensinava. Com total coerência, Jesus ensinava primeiramente pelas ações e, em segundo plano, pelas palavras.⁸²

Hackmann chama de “pedagogia de Deus” o plano de revelar a salvação para o povo de Israel, e a todos os demais, inclusive para a contemporaneidade. A base desta pedagogia é o amor de Deus, com base em 1 João 4.8-16. Defende que “Não é uma especulação metafísica, mas a forma como a escola joanina argumenta, de forma histórico-salvífica.”⁸³ Esse amor tem sua manifestação no envio do Filho, Jesus.

Dausá⁸⁴ lembra o Apóstolo Paulo que retoma a dimensão de Deus como educador quando destaca o papel que cumpriu a lei na história do povo de Israel. Denomina essa lei como pedagógica, sendo o povo como uma criança, como em Gálatas 3.24, quando a lei foi a “pedagoga” (*paidagogos*) para levar a Cristo.

Mesters aponta que “a longa caminhada das comunidades do Antigo Testamento com suas etapas e descobertas encontrou a confirmação em Jesus, na maneira de ele viver e anunciar a Boa Nova de Deus”.⁸⁵

⁸¹ MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Estatuto da cientificidade da pedagogia. In: PIMENTA, Selma G. *Pedagogia, ciência da educação?* 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996, p. 13–38.

⁸² GEORG, 1993, p. 56.

⁸³ HACHMANN, 2000, p. 47.

⁸⁴ DAUSÁ, Alejandro. *Encuentros con el maestro: la pedagogía de Jesús de Nazaret*. La Habana: Editorial Caminos, 2002. p. 17.

⁸⁵ MESTERS, 2016, p. 45.

Price é mais enfático ainda: “Jesus foi um mestre vindo da parte de Deus”.⁸⁶ Prossegue Price qualificando Jesus como a encarnação da verdade, como em João 14.6, quando se auto chama de “verdade”.⁸⁷

A sua forma de ensinar era como a de servir. Ensinar é um serviço ao outro e emana responsabilidade.

Um dos elementos essenciais para a qualificação de um professor é o interesse que deve ter pelo povo e o desejo de servi-lo bem, de ajudá-lo. Sem esta qualidade, o mestre será "como o metal que soa, ou como o címbalo que retine", muito embora conheça bem a Bíblia, o discípulo e os métodos de ensino. Nada pode suprir a falta de interesse pelo bem-estar de nossos semelhantes. Saber enfrentar uma grande classe, possuir boas estatísticas, ou conhecer de sobejo os melhores métodos de ensino não constituem substituto apropriado para aquele profundo interesse que devemos ter pelo próximo.⁸⁸

A crença no ensino também é fundamental, requisito indispensável a qualquer professor, assim como para ensinar é preciso ter o conhecimento, no caso de Jesus, das Escrituras.

Ao lado do conhecimento das Escrituras, é coisa igualmente importante a compreensão da natureza humana. Na verdade, é esta uma qualificação muitíssimo necessária ao professor, porque não se pode aplicar a Bíblia à vida a não ser que se compreenda bem o aluno e suas necessidades. Todo aquele que lida com a natureza humana deve conhecer alguma coisa a esse respeito.⁸⁹

Jesus tinha uma soma de conhecimentos que perfeitamente o habilitava para a tarefa de ensinar. No entanto, lembra Dausá⁹⁰ que os Evangelhos e os contemporâneos de Jesus se perguntavam onde Jesus aprendeu tudo o que sabia, como em Marcos 6.2-3: “Chegando o sábado, passou a ensinar na sinagoga; e muito, ouvindo-o, se maravilharam, dizendo: donve vem estas coisas? Que sabedoria é esta que he foi dada? E como fazem tais maravilhas por suas mãos? [...] E escandalizavam-se nele”.

Conforme Dausá⁹¹, seria a piedade de José que aparece como fiel cumpridor da lei. Ou seja, se atribui a José, aquele que tem revelações em sonhos (Mt 1.20-

⁸⁶ PRICE, J. M. *A pedagogia de Jesus*. O Mestre por Excelência. Rio de Janeiro: JUERP, 1980. p. 9.

⁸⁷ PRICE, 1980, p. 9ss.

⁸⁸ PRICE, 1980, p. 12.

⁸⁹ PRICE, 1980, p. 20.

⁹⁰ DAUSÁ, 2002, p. 23.

⁹¹ DAUSÁ, 2002, p. 25.

24), como o condutor de Jesus na religiosidade. Lucas, em seu capítulo 2, é emblemático nessa questão, quando afirma que Jesus é levado a Jerusalém para ser apresentado ao Senhor e, aos doze anos, levado para a festa da páscoa, como era o costume.

Price conclui que

Jesus foi consumado mestre na arte de ensinar, quando vemos que ele praticamente empregou aqui e ali, pelo menos em embrião, os métodos usados hoje em dia — perguntas, preleções, histórias, conversas, discussões, dramatizações, lições objetivas, planejamentos e demonstrações.⁹²

Para isso, usou os mestres do Antigo Testamento como exemplo, além de recursos como parábolas, milagres e a própria vida.

2.2.1 Jesus seguindo os mestres do Antigo Testamento

Jesus anunciou como os profetas. Ele não permitiu que as tradições religiosas desviassem o povo da experiência de Deus e da vida, mantendo práticas antigas, mas com um novo sentido. “Aos que identificavam a vontade de Deus com a letra da Lei, ele dizia: *“Antigamente foi dito, mas eu digo”* (Mt 5,21 - 2,27 - 28,31 - 34,38 - 39,43-44). Para Jesus, a *torah* quer o bem-viver do povo: *“Eu vim para que tenham vida e vida em abundância”*.⁹³

Mesters expõe que Jesus agiu como os discípulos e discípulas de Isaías, defendendo os direitos dos pobres e reconhecendo neles a sabedora de Deus, ao contrário dos escribas que, por vezes, chamaram o povo de ignorante e maldito.⁹⁴

Valentin lembra que “Jesus foi identificado como profeta e mestre. Profeta, pois anunciava a palavra de Deus aos seus filhos. Mestre, pois ensinava como colocar em prática essa palavra.”⁹⁵

Nesse sentido, Paulo Freire destaca que o Terceiro Mundo pode vir a ser o local onde surgirá “[...] uma teologia utópica, uma teologia de denúncia e anúncio

⁹² PRICE, 1980, p. 23.

⁹³ MESTERS, 2016, p. 46.

⁹⁴ MESTERS, 2016, p. 46.

⁹⁵ VALENTIN, Ismael Forte. Educação e expansão da fé cristã. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.54, n.2, p. 321-332, jul. 2014. p. 323.

que implica profecia e esperança”.⁹⁶ Para isso, no entanto, há que se fazer homem do Terceiro Mundo, argumenta Freire, para renunciar às estruturas do poder e estar consciente da historicidade e do cotidiano do povo.

Mesters também lembra da ação de Jesus como a dos sábios do Antigo Testamento.

Jesus tinha uma capacidade enorme para comparar as coisas de Deus com as coisas mais simples da vida do povo. [...] atitudes de Jesus revelavam a experiência de Deus em aberto contraste com a concepção de Deus que se expressava nas atitudes e na estrutura religiosa oficial da época. Jesus é um leigo que não estudou na escola oficial, mas o povo reconhecia que nele existia sabedoria (Mc 6,2) e ficava impressionado com o jeito que Jesus tinha de ensinar: “*um novo ensinamento! Dado com autoridade! Diferente dos escribas*” (Mc 1.22,27) Por isso foi perseguido pelas autoridades. Como Jó aos olhos dos três amigos, assim Jesus, aos olhos dos escribas e fariseus, era um homem sem Deus (Jo 9.16), contrário ao Templo e à Lei de Deus (Mt 26.61).⁹⁷

A sua forma de ensinar e passar a sabedoria não era bem vista por aqueles que estavam no poder ou por aqueles que tinham o poder da transmissão da palavra, como os escribas. É possível fazer uma analogia com a contemporaneidade, quando a soberba da academia muitas vezes deixa a sabedoria do senso comum de lado.

Price destaca o crescimento de Jesus em sabedoria, conforme Lucas 2.52. Era uma sabedoria que vinha de dentro e não precisava de escoras ou confirmação.

Jesus aprendeu como filho e como irmão dentro do seu lar, pelo estudo e frequência à sinagoga, e também com as experiências naturais da vida humana. Experimentou tentações que diziam respeito à conservação de sua própria vida, à consideração social e à ambição do poder.⁹⁸

Jesus Cristo, uma vez enviado para proclamar o Reino de Deus, o faz através de parábolas, milagres e do perdão dos pecados. Assim se manifesta a pedagogia de Jesus, segundo Hackmann.⁹⁹ Em linhas gerais, são utilizadas metáforas, ações concretas e finaliza com a entrega total de Jesus com sua própria vida. Jesus é o Mestre ou Rabi, conforme os Evangelhos: “Vós me chamais o Mestre e o Senhor, e

⁹⁶ FREIRE, Paulo. *Práxis educativa de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1979. p. 90.

⁹⁷ MESTERS, 2016, p. 46-47.

⁹⁸ PRICE, 1980, p. 11.

⁹⁹ HACHMANN, 2000, p. 57.

dizeis bem, porque eu sou” (Jo 13.13); ou, ainda: “Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus” (Jo 3.2).

2.2.2 As parábolas

As fontes para seu ensino eram as Sagradas Escrituras. As formas eram variadas.

As formas literárias de que Jesus revestiu seu ensino interessam quase tanto quanto o próprio ensino. Na verdade a eficácia daquilo que ele disse foi grandemente influenciada pelo modo por que o disse: Suas comparações e metáforas davam sabor ao seu pensamento. São verdadeiramente espantosas a variedade e a beleza dessas figuras de linguagem. Jesus se revelou Mestre consumado por tornar sempre a verdade bem clara e imperativa, falando sempre de modo direto, sem rodeios.¹⁰⁰

Verifica-se que há similaridades com o Antigo Testamento que podem ser apontadas com as formas de ensino de Jesus, como o uso de parábolas para o anúncio. No entanto, conforme aponta Stein,

Entre as formas literárias encontradas da Bíblia, a mais conhecida, talvez, seja a parábola. O fato é especialmente verdade em se tratando das parábolas de Jesus, tais como a do bom samaritano, do filho pródigo, das dez virgens e do sementeiro. Porém, definir exatamente o que é uma parábola no Antigo Testamento (*masha*) ou no Novo (*parabole*) é difícil. Em ambos os casos, os termos podem referir-se a um provérbio (1 Sm 24.13; Ez 18.2,3; Lc 4.23; 6.39); uma sátira (Sl 44.11; 69.11; Is 14.3,4; Hc 2.4); uma charada (Sl 49.4; 78.2; Pv 1.6); um dito simbólico (Mc 7.14,17; Lc 5-36,38); uma símile extensa ou similitude (Mt 13-33; Mc 4.30,32; Lc 15-8-10); uma parábola histórica (Mt 25.1-13; Lc 14.16,24; 15-11-32; 16.1-8); um exemplo de parábola (Mt 18.23-25; Lc 10.29-37; 12.16-21; 16.19-31); e, até mesmo, uma alegoria (Jz 9.7-20; Ez 16.1-5; 17.2-10; 20.49—21.5; Mc 4.3-9,13-20; 12.1-11). Esses dois termos bíblicos possuem vasta extensão de significados, mas o sentido básico de cada um é a comparação entre duas coisas diferentes. Algo é parecido com algo que não é.¹⁰¹

As palavras são usadas por Jesus para explicar a mensagem, utilizando exemplos concretos da vida do povo. Para isso, se utilizou das parábolas, que problematizam as situações, colocando duas coisas lado a lado para efeitos de comparação. As críticas de que seriam meras fábulas para ilustrar temas para pessoas simples, sem grandeza de raciocínio, Dausá argumenta que, pelo contrário,

¹⁰⁰ PRICE, 1980, p. 87.

¹⁰¹ STEIN, Robert H. *Guia Básico para a Interpretação da Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p. 143.

as parábolas desafiam a mentalidade dos ouvintes, quebrando o equilíbrio e as falsas seguranças. São imagens e ditos enigmáticos, como quebra-cabeças.¹⁰²

Las parábolas no son de ninguna manera historias cómodas o lacerantes, y en ocasiones se transforman en boca de Jesús en durísimos ataques verbales al mundo religioso en el cual se movían sus oyentes. Si las analizamos concuidado, descubriremos que promueven por lo general una subversión total de valores, a parti de mecanismos propios de la sabiduría popular, en la cual la aproximación a lo divino no se hace mediante reflexiones metafísicas, sino desde experiencias y veencias humanas.¹⁰³

As parábolas, segundo Hackmann, têm três momentos:

1. a surpresa da descoberta, que abre uma perspectiva para o futuro e se apresenta como *revelação*;
2. a tomada de consciência do acontecimento, que modifica a relação com o passado, trazendo uma avaliação nova dos valores, provocando, por isso mesmo, uma *revolução*;
3. a decisão operativa, que modifica de forma radical a situação presente, levando a uma *resolução*.¹⁰⁴

Mesters explica que “as parábolas provocam e levam as pessoas a refletir sobre a sua própria experiência, e fazem com que esta experiência as leve a descobrir Deus presente na vida. A parábola muda o olhar”.¹⁰⁵ Em linhas gerais, as parábolas revelam a mensagem, revolucionam o modo de vida e resolvem a vida do povo crente.

Guzi destaca a linguagem utilizada nas parábolas, uma linguagem não religiosa para falar da realidade divina.¹⁰⁶ Esse aspecto é importante porque Jesus usava dos acontecimentos cotidianos para pregar. Em outras palavras, partia do acontecimento para chegar à mensagem divina.

Price destaca as afirmativas concretas de Jesus:

O ensino de Jesus sempre foi concreto, mesmo quando anunciava ideais e princípios. Ele não filosofava, não teorizava, nem se ocupava com coisas abstratas. O estilo dele não é lógico, ou analítico propriamente, e, sim, relacionado com assuntos correntes e descritivos, e, justamente por isso, muito impressionante. Anunciando uma nova verdade, começava com coisas que estavam à mão, e, por meio destas, ia à conclusão. É verdade que ele apresentou princípios e conceitos de caráter geral. Mas, em regra,

¹⁰² DAUSÁ, 2002, p. 43.

¹⁰³ DAUSÁ, 2002, p. 43-44.

¹⁰⁴ HACHMANN, 2000, p. 58.

¹⁰⁵ MESTERS, 2016, p. 46.

¹⁰⁶ GUZI, 2001, p. 39.

partia sempre de exemplos e coisas conhecidas, empregando o princípio da apercepção. Noutras palavras: ia do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato, das coisas que apelam aos sentidos para aquelas que pertencem puramente à esfera mental. As parábolas de Jesus são ótimas ilustrações do emprego deste princípio. Isto significa que seu ensino era mais indutivo que dedutivo. Começava de onde estavam os alunos e os levava para onde queria que estivessem; [...].¹⁰⁷

Empregar coisas concretas, usando ilustrações, apela aos sentidos. Elas atingem a imaginação, prendem o interesse e são lembradas com grande facilidade.¹⁰⁸ Assim como as expressões incisivas, como em João 4.37 (“Um semeia, outro colhe”), ou ainda Mateus 6.21 (“Onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração”).

Por isso as parábolas são as principais figuras de linguagem empregadas por Jesus. Não obstante, o Mestre usou bom número de outras figuras, como comparações e analogias. Disse ele: "Quantas vezes quis eu ajuntar teus filhos, como uma galinha ajunta os seus pintos debaixo das suas asas, e não o quiseste!" (Mat. 23:37). A alegoria ou comparação sistemática é em parte usada quando ele diz: "Eu sou a videira, vós sois as varas" (João 15:1-10). A beatitude ou bem-aventurança, espécie de exclamação, é empregada quando diz: "Oh! bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mat. 5:8, tradução de Kent). Empregou também a hipérbole, quando falou no camelo a passar pelo fundo duma agulha (Mat. 19:24).¹⁰⁹

Nas parábolas, em resumo, “[...] se toma na natureza ou da experiência de cada dia um incidente real ou imaginário para aclarar alguma verdade moral ou espiritual.”¹¹⁰ Prossegue Price defendendo que três coisas se pode alcançar por meio do ensino através das parábolas: prender a atenção, usar histórias para lançar luz sobre algum princípio ou verdade abstrata já enunciada e a terceira coisa é usar a história para a apresentação da lição toda. “Isto caracteriza a fábula, e é o modo pelo qual frequentemente hoje se dão lições, especialmente às crianças. Tem este processo o mérito de deixar que o aluno tire por si mesmo a conclusão.”¹¹¹

2.2.3 Os milagres

¹⁰⁷ PRICE, 1980, p. 87-88.

¹⁰⁸ Price destaca as expressões de Jesus como “pescar homens”, “lobos vestidos de cordeiros”, “Sal da terra” e “luz do mundo” como exemplos de formas que aguçam os sentidos, como a imaginação, e que facilitam na lembrança do ensino. PRICE, 1980, p. 88.

¹⁰⁹ PRICE, 1980, p. 90-91.

¹¹⁰ PRICE, 1980, p. 94.

¹¹¹ PRICE, 1980, p. 126.

Os milagres são a ação visível de Deus, revelando a sua presença. Cousin revela que “o sentido dado aos milagres na tradição evangélica é essencial para situá-los em relação às outras narrações [...]”¹¹² É nas palavras de Jesus que esse sentido se encontra. As palavras de Jesus, segundo Cousin, oferecem duas indicações: o milagre é um convite à conversão e o milagre é o sinal eficaz da vitória de Deus sobre o mal e a vinda do Reino.¹¹³

Weiser, ao discorrer sobre o que é milagre na Bíblia, sustenta que a narrativa a respeito de um milagre tem o emissor (um evangelista, por exemplo) e o receptor (na contemporaneidade, todos nós). A narrativa do milagre é o conteúdo. Esse conteúdo não quer apenas narrar a cura, por exemplo, mas falar “[...] de um Jesus que não apenas *curou* enfermos, mas que vive como Senhor ressuscitado e ainda hoje opera a salvação e fará com que todo o mal venha a ser curado”.¹¹⁴

Hackmann cita Atos 2.2 (“Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós, com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis; [...]”) para mostrar como Pedro apresenta Jesus aos judeus.¹¹⁵ São os sinais do Reino de Deus apresentados através de milagres. Conforme Weiser,

Um sinal não existe por si mesmo: ele aponta para algo de diferente. [...] as obras de Jesus são sinais que apontam para ele [...]. Mas devem também indicar que a era da salvação, da qual falava Isaías e que os judeus esperavam há muitos séculos, teve início agora, com as obras de Jesus.¹¹⁶

Esse aspecto dos milagres como sinais também é compartilhado por Cousin quando afirma que a singularidade de Jesus não está nos milagres em si, mas no significado que Jesus dá a eles, no caso, crer que “[...] Deus estava vindo com poder.”¹¹⁷ Esse significado é a mensagem, ou seja, uma forma que pode ser vista como pedagógica de mostrar que o Reino de Deus está por vir. É possível arriscar e falar numa espécie de pedagogia dos milagres.

Vendrame, ao destacar os elementos constitutivos dos relatos de cura, dá ênfase ao final do relato, quando o miraculado é dispensado, com o milagre

¹¹² COUSIN, Hugues. *Narração de milagres em ambientes judeu e pagão*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 88.

¹¹³ COUSIN, 1993, p. 88-89.

¹¹⁴ WEISER, Alfons. *O que é milagre na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1978. p 26.

¹¹⁵ HACHMANN, 2000, p. 58.

¹¹⁶ WEISER, 1978, p. 33.

¹¹⁷ COUSIN, 1993, p. 90.

confirmado, e com o pedido de proclamar o fato.¹¹⁸ Destaca que “A fama espalha-se por meio das testemunhas miraculadas, vai longe, como uma ‘palavra’, como uma boa notícia”.¹¹⁹

Weiser destaca que os milagres estão intimamente ligados à mensagem de Jesus.

Jesus diz aos mensageiros do Batista que eles devem anunciar o que ouvem e veem. Eles deverão, logo a seguir, proclamar as obras de Jesus e a mensagem da salvação que ele traz. Os milagres de Jesus ainda não têm em si mesmos o seu pleno significado. É somente através da sua palavra que interpreta que esses milagres alcançarão o seu sentido unívoco, único e inconfundível entre todos os casos “paralelos” da história das religiões. Mas é também somente à luz de sua palavra que se vê que eles estão igualmente a serviço do anúncio da salvação e possuem a mesma finalidade da pregação de Jesus [...].¹²⁰

Thompson expõe que os milagres não são apenas uma autenticação externa da revelação, mas que tem o propósito de “[...] nutrir a fé na intervenção salvadora de Deus para com aqueles que nele confiam.”¹²¹ Prossegue afirmando que a operação dos milagres tem como objetivo aprofundar a compreensão do homem sobre Deus. é a forma de Deus falar dramaticamente para todos.¹²²

Os milagres, portanto, ao mesmo tempo em que operam a cura, com ela evidenciam o poder de Deus, e com os relatos dos milagres propaga a ação e palavra de Deus. Eles são caracterizados da seguinte forma:

1. relação explícita com a fé, pois esse deve levar à fé ao provocar a pergunta “quem é este?” (Mc 1.27). [...];
2. manifestação do “poder” de Jesus nos vários ambientes e situações;
3. manifestação de autoridade-poder que age com força libertadora e benéfica em favor das pessoas desamparadas.¹²³

O milagre provoca o indivíduo para a fé, demonstrando o poder e a autoridade de Jesus. Desta forma, a prática torna visível a palavra. Em termos pedagógicos, pode-se dizer que se coloca em prática a teoria para que os indivíduos compreendam a mensagem de fato.

¹¹⁸ VENDRAME, Calisto. *A cura dos doentes na Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2001. p 87.

¹¹⁹ VENDRAME, 2001, p. 89.

¹²⁰ WEISER, 1978, p. 34.

¹²¹ THOMPSON, J. A. Milagre. In: DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 871.

¹²² THOMPSON, 2006, p. 871.

¹²³ HACHMANN, 2000, p. 58-59.

Nessa linha de pensamento, Vendrame fala no gênero literário *aretológico*, como forma de instauração da mensagem de Deus.¹²⁴ Por *aretológico*, Martins Terra explica que

[...] a *areté* de um deus é propriamente o ato com o qual o deus se dá a conhecer [...]. A *areté* é a felicidade ou prosperidade propiciada pela divindade, um bem ao qual se tende, sobretudo quando se trata de um bem apreciado pelos homens, isto é, a glória.¹²⁵

No caso dos milagres e do relato dos mesmos, Deus é conhecido a todos ao ter a sua virtude revelada, a *areté*, cujo significado primeiro é “virtude”. Essa revelação da virtude de Deus através dos milagres são a forma pedagógica de dizer que “[...] os milagres respondem pela verdade de que somente o extraordinário possui a capacidade de salvar”.¹²⁶ Os milagres são, portanto, uma forma de fazer conhecer a boa nova e, na contemporaneidade, a continuidade de relatar os milagres de Jesus, faz com que o cristianismo permaneça sempre vivo.

2.3 SÍNTESE

Em Lucas 24.13-35, na caminhada de Jesus com dois discípulos que não o reconheceram de imediato, é possível visualizar elementos da pedagogia de Jesus. Enquanto caminhavam para Emaús, Jesus apareceu aos dois e, após ouvir, explicava as Escrituras, desde Moisés, para que compreendessem a morte de Jesus. Ao estarem eles à mesa, Jesus partiu o pão e o abençoou. Esta foi a ação prática que levou aos dois a reconhecerem Jesus. E retornaram a Jerusalém contando o ocorrido. Ou seja, houve a explanação, o exemplo prático e a anunciação. Em outras palavras, a pedagogia de Jesus é a fala, a mostra e o envio para a missão. Pedó assinala que:

A pedagogia de Jesus com os discípulos de Emaús se manifesta em suas atitudes, no percurso do caminho. Jesus se aproxima... Em silêncio os ouve... Dialoga com eles... Respeita e interroga-os. Aponta as causas de sua cegueira. Resgata a história pela memória. Aceita o convite, assenta-se à mesa, celebra e partilha com eles. A prática de Jesus é o ponto de partida de seu discurso. Concluo dizendo: A Bíblia na vida constitui a força

¹²⁴ VENDRAME, 2001, p. 103.

¹²⁵ TERRA, João Evangelista. *O Deus dos indo-europeus*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 491.

¹²⁶ BERGER, Klaus. *É possível acreditar em milagres?* São Paulo: Paulinas, 2004. p. 211.

transformadora das relações.¹²⁷

O conhecimento que Jesus quer ensinar é a Palavra de Deus. Não possuía uma maneira fixa de passar as lições, mas tinha sempre a intenção de atrair de início a atenção dos outros. Price cita como exemplo João 4.1-7, A mulher de Samaria, quando não havia uma ocasião propícia para ensinar, pois estavam cansados e com sede. Mas ao ser incisivo, chamou a atenção: “[...] aquele que beber da água que lhe der, nunca mais terá sede, para sempre [...]” (Jo 4.14a). assim passou para o desenvolvimento da lição. A conclusão foi a revelação de Jesus de que era o Messias.

Ao utilizar um menino (Mt 18.1-4), exemplificou com a atitude da criança a entrada no Reino. Também o exemplo de Jesus lavando os pés de seus discípulos (Jo 13.1-15), para mostrar a dignidade e grandeza do serviço humilde.

Também se utilizou da dramatização.

Dentre outras atividades dramáticas que caracterizaram o ministério do Mestre encontra-se o caso de expulsão dos mercadores do Templo (Mat. 21:12-16). Jesus viu que os judeus estavam abusando do privilégio de vender animais e aves para os sacrifícios àqueles que não os tinham, e estavam fazendo aquilo mais para se locupletarem do que para servir ao povo. Assim tomou um chicote de cordéis e expulsou os mercadores, espalhando as aves e os animais, derribando as moedas no chão, e dizendo: "Minha casa será chamada casa de oração; mas vós fizestes dela um covil de ladrões" (v. 13). Dessa forma Jesus proclamou dramaticamente a santidade do Templo e do culto a Deus. "A purificação do templo não foi tanto por causa do próprio edifício, e, sim, mais para ensinar ao povo a grande lição da reverência."¹²⁸

Entre outros métodos, está a *preleção*, ou discurso didático, como em Mateus 24 e 25, sobre o julgamento final; revela um pensamento profundo e preparação.

Há a *pergunta*, para chamar e prender a atenção, como em Marcos 10.18, quando Jesus pergunta: “por que me chamas bom?”, “claramente estava [Jesus] preparando a mente daquele jovem para a penetrante resposta que lhe ia dar acerca daquilo que faz a vida ser boa”.¹²⁹ Esse aspecto da pergunta, segundo Georg,

¹²⁷ PEDÓ, Albina. *A prática pedagógica e libertadora de Jesus em Lucas 24,13-35 na perspectiva relacional*. São Leopoldo, RS, 2011. 77 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2011. p. 48,

¹²⁸ PRICE, 1980, p. 124.

¹²⁹ PRICE, 1980, p. 138.

mostra como Jesus valorizou o “aluno”, dando espaço para responder perguntas, levando a pensar, refletir e tirar as próprias conclusões.¹³⁰

Há ainda a discussão e o debate, para se chegar a uma conclusão geral, sendo o mestre o inspirador e mediador, isto mais do que o instrutor. Ou seja, faz os outros participarem da construção. Um exemplo é o de Marcos 10.17-22, do jovem rico que, depois do debate, Jesus deixou que escolhesse por si mesmo.¹³¹

Valentin lembra ainda que a Bíblia pode ser lida com a lente do “educar e agir”.

A inspiração divina, por si só, já representa um caminho educacional por excelência. A conspiração pode bem significar um esforço coletivo e organizado para transmitir lições de sabedoria. A organização da Bíblia (Antigo e Novo Testamentos), certamente, levou em conta o aprendizado que histórias, fábulas, poesias, provérbios, parábolas e diálogos promoveriam entre as pessoas e sociedade.¹³²

Georg conclui que, ao se analisar o ensino e a metodologia de Jesus, pode-se notar que

[...] a força de todo o ensino neotestamentário, sem dúvida nenhuma, é a fé vivenciada. O exemplo a ser seguido pelo discipulado é fundamental. Neste particular, a vida do mestre precisa ter a transparência que seu ensino requer, e aí está o segredo do sucesso. Fica evidente, portanto, nas Escrituras Hebraicas e também no Novo Testamento, em todas as suas partes, que o ensino é fundamental e central. As bases e as diretrizes bíblicas para a educação cristã são contundentes.¹³³

Enfim, “no Novo Testamento a pedagogia divina se revela em Jesus Cristo. Para os cristãos, Jesus é o grande protótipo de mestre e modelo a seguir. Ele é exemplo [...]”.¹³⁴

¹³⁰ GEORG, 1993, p. 63.

¹³¹ PRICE, 1980, p. 143-144.

¹³² VALENTIN, 2014, p. 322.

¹³³ GEORG, 1993, p. 70.

¹³⁴ GUZI, 2001, p. 26.

3 A CONTEMPORANEIDADE METODOLÓGICA DE JESUS

A partir do exposto, é possível verificar como a educação foi concebida ao longo dos séculos. Percebem concepções diferentes, desde a defesa pela educação inicial em casa, como a separação da família, além de ênfases diferentes, de acordo com os objetivos finais, como uma formação mais acadêmica, ou militar.

Neste capítulo é tratada a educação na contemporaneidade através de uma reflexão baseada na metodologia de Jesus Cristo. A começar pela educação na modernidade, passando pela pós-modernidade atual, quando tudo acontece de forma mais rápida, é possível um modelo pedagógico ser a linha mestra para uma educação eficiente? E mais ainda: é possível seguir o modelo de Jesus, na sua metodologia (nas formas de ensino, caminhado com os discípulos, no uso de parábolas/metáforas, etc.), como exemplo (na conduta ética e moral) e na pedagogia da ação (teoria posta em ação)?

3.1 A EDUCAÇÃO NA IDADE MODERNA E PÓS-MODERNA

A importância de se refletir acerca da educação na modernidade e na pós-modernidade está no fato de ser compreender que a educação acompanha os processos de mutação da sociedade em seus diversos setores, como econômicos, políticos, sociais, culturais e, neste caso, no educacional.

Philippe Ariès destaca a mudança na família a partir da mudança na relação com as crianças, no fim da idade média, início da moderna. Expõe que era comum deixar os filhos entre 7 e 9 anos irem para casa de terceiros para aprenderem boas maneiras. Seria o aprendizado pela prática. Era preciso saber também servir aos outros à mesa e não somente se comportar bem à mesa. Pode-se dizer que era um ensino mais pedagógico do que empírico. A distinção nos trabalhos domésticos, entre as crianças e os pagos, foi feita muito progressivamente. Em resumo, aponta o autor que “em toda a parte onde se trabalhava, e também em toda a parte onde se jogava ou brincava, mesmo nas tavernas malafamadas, as crianças se misturavam

aos adultos. Dessa maneira elas aprendiam a viver, através do contato de cada dia.”¹³⁵

A educação na idade moderna deve ser compreendida, também, a partir das transformações que aconteceram a partir do século XV, como o surgimento da imprensa. André Belo narra que a imprensa foi um instrumento de transformação cultural sem precedentes até então.

O Humanismo, as Reformas religiosas e o pensamento científico moderno não podem ser concebidos [...] sem a poderosa arma auxiliar que a imprensa constituiu: ela multiplicou o número de textos em circulação, tornou-os mais baratos e acessíveis, permitiu a cada leitor ler mais obras e a cada obra chegar a mais leitores.¹³⁶

Carlo Ginzburg¹³⁷ narra o processo inquisitório de Domenico Scandella, conhecido como Menocchio, no século XVI. Foi preso e interrogado pela Inquisição acerca das afirmações que fazia, todas como heréticas pela então ortodoxia católica. Ao ser obrigado a confessar de onde saíam tais ideias, disse que eram dos livros. Não tinha, portanto, alguém que o ensinava, mas fez a sua síntese a partir das leituras, descontextualizadas, chegando a conclusões próprias, a partir do que aprendera na oralidade. Ou seja, era o encontro da oralidade com a escrita se concretizando.

As mulheres e crianças eram desprovidas de autonomia para escolherem por si mesmas as leituras a fazer, necessitando de padres, pais ou tutores, conforme aponta Belo.

No mundo católico, mas também entre luteranos até muito tarde, a leitura da Bíblia estava reservada a uma minoria capaz de ler em latim e grego. A sua tradução para as línguas vernáculas, compreendidas pela maioria da população, era proibida. Em sua substituição, redigiam-se os catecismos, livros de salmos e resumos de textos bíblicos que familiarizavam indiretamente os fiéis com o texto sagrado. O conhecimento da mensagem e das personagens bíblicas passava também muito pelas imagens e pela oralidade.¹³⁸

Nesse contexto, Martinho Lutero tem importante contribuição para a educação. Por discordar da Igreja Católica, liderou a Reforma Protestante que, além das consequências religiosas, também teve na educação. Vanderlei Defreyn

¹³⁵ ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1978. p. 231.

¹³⁶ BELO, André. *História & livro e leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 23.

¹³⁷ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

¹³⁸ BELO, 2008, p. 56-57.

menciona que Lutero teve um caráter “herocizante” construído na literatura produzida no século XIX, apresentado como um “clássico da pedagogia”, “educador do povo alemão” e “renovador do sistema escolar”. Com isso, ele foi associado à ideia da autonomia do indivíduo.

Essa autonomia do indivíduo teria sido fomentada por Lutero por ele ter exigido escola para todos, a fim de que pudessem ler a Bíblia, que ele traduziu para o alemão. Nessa perspectiva, era concedido às escolas protestantes um lugar vital, como instituições que teriam tido a função de fomentar essa liberdade e autonomia individual.¹³⁹

Nesse sentido, Wachholz menciona a contribuição de Lutero para com a educação:

Lutero foi um dos responsáveis pela formulação do sistema de ensino público que serviu de modelo para a nossa escola atual. É dele a ideia da escola pública para todos organizada em três ciclos: fundamental, médio e superior. E, coerente com essa ideia, condenou a educação dada pelas escolas monásticas e eclesiais da sua época. Para ele, a educação não devia ser dominada pela igreja.¹⁴⁰

Lutero se aproxima da pedagogia de Jesus quando traduz a Bíblia para o alemão, a fim de dar acesso a todos. Jesus pregou a todos, inclusive e principalmente aos oprimidos. Ou seja, justamente o contrário do que a Igreja Católica fazia, quando a Bíblia era acessível somente a quem dominava o latim. Essa questão do latim é muito bem reportada por Wachholz, quando relata um trauma de Lutero quando ainda estava na escola e sofria com a pedagogia corrente:

Um estudante da turma, denominado “o lobo”, por incumbência do professor, listava quem dos colegas falava alemão – a língua oficial da escola era o latim! – se comportava mal ou proferia maldições. Ao final de cada semana, impunham-se os castigos. O estudante mais indisciplinado recebia, então, um burro de madeira, pendurado possivelmente em volta do pescoço. O contemplado podia passar o burro adiante, caso um colega se utilizasse da língua alemã.¹⁴¹

¹³⁹ DEFREYN, Vanderlei. Lutero na história da educação. In: BRANDENBURG, Laude Erandi; WACHHOLZ, Wilhelm. *Contribuições do luteranismo para a educação*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 128.

¹⁴⁰ PILLETTI; PILLETTI, 2012, p. 62.

¹⁴¹ WACHHOLZ, Wilhelm. Lutero: legados pedagógicos e comunitários. In: BRANDENBURG, Laude Erandi; WACHHOLZ, Wilhelm. *Contribuições do luteranismo para a educação*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 13.

Wachholz assinala ainda que Lutero enfatizou a educação como ação primeira e fundamental, como um investimento a longo prazo, nem mesmo sendo algo de luxo ou supérfluo. Sobre como deveria ser a educação, sintetiza que:

Lutero também não se contenta com uma educação acrítica. Educar é pôr a realidade à crítica. Por isso o reformador coloca tanto peso no estudo das línguas. O estudo das línguas permite buscar o sentido para além da palavra [...]. é só perguntando o sentido da palavra que o Evangelho não corre o risco de perecer.¹⁴²

Assim como Jesus colocou as crianças como prioridade, “[...] deixai os pequeninos, não os embarceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus (Mt 19. 14)”, Lutero também via nas crianças a necessidade de uma atenção especial, defendendo uma pedagogia de carácter lúdico e prazeroso. Laude Brandenburg destaca que Lutero

[...] percebeu que o trabalho educativo deve ser feito a partir das condições e necessidades de quem é alvo do ensino. [...] Lutero alude às brincadeiras como forma de ensinar. Lutero chama de brincadeiras o uso de referenciais concretos do mundo da criança.¹⁴³

Não tardou para que a educação passasse a ser também acessível aos de classes mais baixas. A educação acompanha as transformações da modernidade. Passou a ser fornecida pela escola, deixando de ser exclusiva aos clérigos. Essa evolução se deu como uma necessidade moral da parte dos educadores e com o objetivo de separar as crianças do mundo sujo dos adultos. Também foi uma forma de ter os filhos mais por perto e não com outras famílias. Isso mostra uma aproximação maior da família. As meninas, no entanto, eram educadas pela prática e pelo costume, mais do que pela escola, e até ainda em casas alheias. Aos meninos, primeiro se estendeu à camada média da sociedade. A alta nobreza e os artesãos ficaram no sistema antigo de aprendizagem. Porém, foram perdendo prestígio e o declínio chegou, “vencendo” a escola com o crescente número e da sua autoridade moral. Com isso, os problemas morais da família ficam na berlinda, como o de beneficiar apenas um filho em detrimento dos demais, sendo isso contestado a

¹⁴² WACHHOLZ, 2010, p. 18.

¹⁴³ BRANDENBURG apud WACHHOLZ, 2010, p. 19.

partir do século XVII. Um novo clima afetivo e moral começam a prevalecer de fato a partir do século XIX com o sentimento de igualdade.¹⁴⁴

O que se pode concluir a partir de Àries é que vários costumes começam a ser questionados e isso se deve à educação na escola. Começou a se formar uma rede de contatos, aumentando as visitas, as conversas, as trocas e os encontros. A reputação passou a ser valorizada: “A arte de fazer sucesso era a arte de ser agradável, ‘amável’ em sociedade.”¹⁴⁵

Havia críticas à escola: seria severa, más companhias, retardamento da maturidade. A questão em divergência era: a educação através do mundo ou a educação através da escola. Por outro lado, havia a tentativa de se conciliar a civilidade com a vida escolar, tratadas como se fossem opostas. A civilidade era entendida como o apoderamento de conhecimentos práticos necessários para se viver em sociedade, o que não se aprendia na escola. Para essa civilidade existiam os tais manuais de civilidade, ou, manuais de comportamento. Sobre “as ascensões corajosas: o menino bem educado deverá saber que sua nobreza será mais honrosa se for adquirida por mérito, do que se tiver sido obtida por herança”.¹⁴⁶ Expõe ainda que:

Para "obter o amor das pessoas" era preciso ter "tato", "a alma de toda qualidade bela, a vida de toda perfeição". Voltamos aqui à civilidade, as boas maneiras, à arte de viver em sociedade: “Sem ele, a melhor execução morre, e a maior perfeição torna-se repugnante”.¹⁴⁷

Nessa época surge Comênio, com sua *Didática Magna*, com a qual propõe ensinar tudo a todos. Alves expõe que com Comênio se dá início a um novo campo do saber humano, “[...] começando de forma sistematizada os estudos e pesquisas procurando formas e métodos de ensino que tivessem melhores resultados.”¹⁴⁸ Desta forma, pode-se dizer que se está iniciando uma preocupação com a uniformização do sistema escolar, dando uma espécie de unidade através de métodos de ensino.

¹⁴⁴ ARIÉS, 1978, p. 231ss.

¹⁴⁵ ARIÉS, 1978, p. 239.

¹⁴⁶ ARIÉS, 1978, p. 252.

¹⁴⁷ ARIÉS, 1978, p. 252.

¹⁴⁸ ALVES, G. L. *A Produção da Escola Pública Contemporânea*. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 76.

Assim como as relações se davam de acordo com os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais, também a educação era tratada a partir deste contexto. Até as moradias também influenciavam as relações familiares e sociais. Um exemplo é o caso da mobília, de como as camas eram cercadas por cortinas, já que não estavam num quarto de dormir, mas num quarto que era público. As relações entre as crianças de servidores e dos donos não tinham ainda assumido o caráter humilhante que adquiriu depois. No século XVIII a família começou a ficar mais distante da sociedade, sendo a casa uma nova preocupação de defesa e, esta mesma casa antes com cômodos “públicos”, agora passava a ter cômodos separados/independentes. Tudo isso acaba por mudar as relações sociais e familiares. Isso se iniciou na burguesia e na nobreza. Discrição e respeito pela intimidade alheia foram crescendo.¹⁴⁹

As antigas formas de tratamento como Madame desapareceram. Martange tratava sua mulher por "minha querida mamãe", ou "minha querida amiga", "minha querida criança", "minha querida menina". O marido dava à mulher o mesmo nome pelo qual a chamavam as crianças: mamãe. Suas cartas estão cheias de detalhes sobre as crianças, sua saúde e sua conduta. As crianças são designadas por diminutivos familiares: Minette e Coco. O uso mais difundido do diminutivo e do apelido correspondia a uma familiaridade maior, e, sobretudo, a uma necessidade de as pessoas se chamarem de uma forma diferente dos estranhos, de sublinhar por uma espécie de linguagem iniciática a solidariedade dos pais e dos filhos, e a distância que os separava de todos os demais: Enquanto estava afastado, o pai se mantinha a par dos pequenos detalhes da vida quotidiana, que era levada muito a sério. Ele esperava as cartas de casa com impaciência: "Peço-te, minha boa menina, que me escrevas a toda hora duas palavras apenas".¹⁵⁰

A família moderna, portanto, preza a intimidade, separa-se do mundo. “Toda energia do grupo é consumida na promoção das crianças, cada uma em particular e sem nenhuma ambição coletiva, [...]”¹⁵¹ Pode-se dizer que a configuração da sociedade e da família, nas suas relações, acaba acompanhando as transformações tecnológicas, econômicas políticas e sociais. Mudanças nessas áreas acabam influenciando nas relações e, conseqüentemente, no crescimento, ou seja, interferindo nas fases de crescimento.¹⁵²

¹⁴⁹ ARIÉS, 1978, p. 252ss.

¹⁵⁰ ARIÉS, 1978, p. 267.

¹⁵¹ ARIÉS, 1978, p. 271.

¹⁵² A fim de não se ater detalhadamente em cada escola ou teórico da educação, pode-se dizer que a educação também acompanha as mudanças e transformações da sociedade, principalmente as de cunho político e econômico, que são as que “guiam” a sociedade. Augusto Comte e sua filosofia positivista, Rousseau e sua pedagogia com abordagem antropológica centrada na criança, John

Essa intimidade e separação da comunidade é hoje uma consequência da chamada pós-modernidade, da sociedade líquida, conforme Zygmunt Bauman.¹⁵³ O conceito da modernidade que passa de sólida para líquida se refere à transformação dos valores e modos de vida cultural e político, sendo mais voláteis, não tangíveis, sem consistência e estabilidade.

As mudanças ocorrem cada vez mais rápidas, não deixando que a cultura estabeleça raízes. Um reflexo das mudanças cada vez mais rápidas propostas pela pós-modernidade pode ser observada na quantidade de modificações nas diretrizes brasileiras para a educação, tomando o ano de 1996 como inicial, ou seja, um pouco mais de 20 anos, ainda que tenha sido em 1988, com a promulgação da Constituição do Brasil, com a previsão da criação de uma Base Nacional Comum, com o artigo 210.¹⁵⁴

Na contemporaneidade, no Brasil, se está rediscutindo novamente o ensino médio, através da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)¹⁵⁵, da educação infantil ao ensino fundamental, e através da reforma do ensino médio.¹⁵⁶ A pergunta que permanece é: até quando essa proposta educacional, quando aprovada definitivamente, ficará vigente?

Dewey e sua Escola Nova de desenvolvimento do pensamento reflexivo, entre outros, auxiliam na formulação de uma pedagogia que acompanhe o seu tempo e que influenciam ainda as reflexões na contemporaneidade, assim como influencia ainda, também, a pedagogia de Jesus, objeto desse trabalho.

¹⁵³ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

¹⁵⁴ A LDBEN, aprovada em 1996, foi que, de fato reforçou a ideia de uma base nacional comum. Entre os anos de 1997 e 2000 foram apresentados os Parâmetros Nacionais Curriculares. Em 2010, a Conferência Nacional de Educação discutiu a educação básica e a necessidade da Base Nacional Curricular como parte do Plano Nacional de Educação (PNE). Até chegar a esse PNE, em 2014, novas diretrizes curriculares nacionais estabeleceram resoluções para a educação infantil, ensino fundamental e médio. A elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) começa a tomar forma em 2015, sendo discutida. Até 2016 já estava na terceira versão. BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Linha do Tempo. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/linha-do-tempo>. Acesso em 10 mar. 2017.

¹⁵⁵ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em 10 mar. 2017.

¹⁵⁶ BRASIL. *MP 746*. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências. Senado Federal, Brasília, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em 10 mar. 2017. Importante mencionar que, no site em que consta a MP 746 há o resultado de uma consulta pública, já encerrada. Esta mostra que apenas 5,8% aprovam a reforma.

3.2 A PEDAGOGIA DE JESUS QUE INFLUENCIA OUTROS MESTRES

A educação de Jesus é vista por Correia como muito boa, uma vez que os debates com os fariseus e escribas exigiam conhecimento e argumentação. “debater neste nível demandaria um treinamento formativo a fim de considerar pontos de interpretação da Lei e da tradição”.¹⁵⁷ Sua educação teria sido nos moldes do Oriente, com foco na memorização (Mnemônica). Correia complementa ainda que o fato de ter sido carpinteiro, o coloca como artesão, da classe média baixa, com prováveis deveres comunitários, religiosos e até na sinagoga.¹⁵⁸

Essa reflexão inicial sobre a educação de Jesus, ainda que breve, é importante para compreender a autoridade de Jesus para o ensino. Ele sabia ler e era hábil para encontrar textos, sabia interpretá-los e tinha em suas fontes de autoridade a unção do Espírito, conforme Atos 10.38: “[...] como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era como ele.” Os ensinamentos são também uma forma de curar os oprimidos da alienação ante os desmandos dos administradores.

Na sua prática, Jesus é o modelo/exemplo que encarna os ensinamentos. Ele ensinava primeiro com as ações e depois com as palavras. E os alunos se apropriam destes ensinamentos ao mesmo tempo em que participam no processo de aprendizagem, não sendo passivos, mas ativos.

A partir de Price, podemos constatar que todos podem assumir a tarefa do ensino. Os discípulos, por exemplo, eram pecadores, impetuosos e impulsivos, ignorantes, preconceituosos e instáveis. Mas,

Jesus avançou pacientemente e conseguiu fazer daquele grupo o mais eficiente corpo de discípulos e mestres que o cristianismo já teve em toda a sua história. [...] Fortalecidos por seus ensinamentos, pela sua ressurreição e pelo Espírito, saíram a transformar o mundo, e dez deles deram sua própria vida para levar avante aquela divina cruzada. Assim iniciaram eles a cristandade na obra da evangelização mundial.¹⁵⁹

¹⁵⁷ CORREIA, Elcio Bernardino. *Paulo, mestre da sã doutrina*. 2015. 258 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. p. 57.

¹⁵⁸ CORREIA, 2015, p. 61-62.

¹⁵⁹ PRICE, 1980, p. 41.

Aos mestres pedagogos da contemporaneidade, por exemplo, os objetivos de Jesus servem de exemplo para estabelecer os princípios básicos que movem para a arte de ensinar. Ao se traçar os objetivos, de acordo com aquilo que pretende ensinar, é possível pensar na forma em como transmitir os ensinamentos.

De acordo com Price¹⁶⁰, os objetivos de Jesus eram formar ideais justos, firmar convicções fortes, converter a Deus, relacionar com os outros, resolver os problemas da vida, formar caracteres maduros e preparar para o serviço cristão.

À vista de todos estes fatos, é maravilhoso anotarmos quão largos e vastos eram os objetivos de Jesus. Abrangiam a todos e a cada um dos aspectos da natureza humana — os pensamentos, os sentimentos e a vontade, incluíam todas as nossas relações — para com o nosso corpo, para com os outros e para com Deus. Cobrem cada fase de nossa atividade — pessoal, doméstica, eclesiástica e profissional. Em resumo, Jesus buscou criar "o homem perfeito para uma sociedade perfeita". E a realização desses objetivos significa a vinda do Reino de Deus à terra.¹⁶¹

Destes objetivos, converter a Deus e preparar para o serviço cristão dá a identidade do conteúdo a ser ensinado. Savietto menciona que:

O núcleo da mensagem de Jesus é o anúncio do Reino. Ele não descreve em que consiste esse Reino, isto é, não teoriza. Enfaticamente repete que o Reino já chegou. É aqui que podemos perceber a *práxis* pedagógica de Jesus uma vez que o anúncio é ajá a realização do Reino nas ações libertadoras que ele realiza: " os cegos vêem, e os coxos andam; os leprosos são purificados, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho" (Mt 11.5)".¹⁶²

Mas os demais objetivos são comuns às disciplinas diversas, quando o objetivo, além do conhecimento, é também formar para a cidadania. Independente para qual área for, fato é que o preparo e o treinamento são fundamentais.

Savietto¹⁶³ destaca o componente subversivo da mensagem de Jesus, no sentido de que assim o fazia para dirigir-se aos pobres e oprimidos a partir da sua marginalidade, questionando as estruturas que os marginalizavam.

¹⁶⁰ PRICE, 1980, p. 45-60.

¹⁶¹ PRICE, 1980, p. 60.

¹⁶² SAVIETTO, Miguel. *A prática provocadora de Jesus de Nazaré: a pedagogia libertadora de Jesus no contexto do catolicismo brasileiro atual*. São Leopoldo, 2009. 42 f. (Especialização em Assessoria Bíblica - DABAR III). Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2009. p. 20.

¹⁶³ SAVIETTO, 2009, p. 19.

Price¹⁶⁴ expõe que a obra de Jesus mostra que seguia certos princípios, como olhar para longe, no sentido de enxergar infinitas possibilidades. Valorizou o contato pessoal, afinal, seu objetivo era alcançar as pessoas. Assim como tinha um conteúdo a passar, tinha as pessoas como destinatárias. Logo, o contato pessoal é indispensável.

Princípios como trabalhar a consciência dos indivíduos, valorizar as individualidades e não destacar as deficiências e dar liberdade de ação aos alunos, sendo eles passivos, mas ativos na construção do conhecimento, são princípios de qualquer pedagogia libertadora.¹⁶⁵

Nessa linha de pedagogia libertadora está Paulo Freire (1921-1997) que, apesar da formação na área do Direito, nunca atuou e se dedicou à educação.¹⁶⁶ Foi voz ativa contra aquilo que chamou de pedagogia dominante, das classes dominantes. Esta pedagogia não poderia servir à libertação do oprimido. Por isso, numa sociedade governada pelo interesse da minoria, da classe dominante, a educação como prática da liberdade pede por uma “pedagogia do oprimido”.¹⁶⁷

Jardilino expõe que Paulo Freire se tornou muito em voga nos anos 1980 por causa da similaridade temática com a linguagem da igreja latino-americana e suas duras críticas às ideias e conceitos de opressão e libertação. Relata as próprias palavras de Freire, que se diz enfeitiçado pela teologia que marcou muitos aspectos da sua pedagogia.¹⁶⁸

“[...] a primeira condição para saber ouvir e efetivamente pôr em prática a Palavra de Deus é, na minha opinião, estar genuinamente disposto a se comprometer no processo de libertação do homem [...]. A Palavra de Deus me convida, em última análise, a re-criar o mundo, não para a dominação de meus irmãos, mas para sua libertação [...]. Isso significa que ouvir a Palavra de Deus não é um ato passivo, nem um ato em que somos recipientes vazios a serem preenchidos por essa palavra que não poderia, então, ser salvadora. Essa Palavra de Deus, enquanto salvadora, é uma Palavra libertadora que os homens têm que assumir historicamente. Os homens devem transformar-se em sujeitos de sua salvação e libertação”.¹⁶⁹

¹⁶⁴ PRICE, 1980, p. 63-71.

¹⁶⁵ PRICE, 1980, p. 72-79.

¹⁶⁶ PILLETTI, PILLETTI, 2012, p. 192-203.

¹⁶⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. Para Freire, nesta obra, a pedagogia do oprimido não pode ser elaborada pelos opressores uma vez que é um dos instrumentos para a descoberta crítica dos oprimidos, por si mesmos, e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestações da desumanização.

¹⁶⁸ JARDILINO, José R. Lima. Educação e Religião: leitura teológica da pedagogia de Paulo Freire na América Latina. *Revista Nures*, São Paulo, PUC, n. 5, janeiro/abril 2007.

¹⁶⁹ FREIRE apud JARDILINO, 2007, p. 3.

Freire defende que uma das tarefas dos educadores e educadoras, “[...] através da análise política, séria e correta, é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança, [...]”.¹⁷⁰ Essa sua afirmação se dá na forma de desabafo, quando escreveu *Pedagogia da Esperança*, num contexto de emergência da pós-modernidade e do neoliberalismo, contra aquilo que Bauman denunciou, posteriormente, como sendo uma sociedade líquida. A esperança é, para Freire, um estado de espírito natural ao ser humano.

Jesus fez a sua análise política e denunciou os hipócritas, como no Templo. E ensinou a partir desta perspectiva libertadora levando a esperança. Freire destaca em sua obra¹⁷¹ vários imperativos importantes na construção da esperança: rever, refletir, corrigir, contemplar, inserir, conhecer, dialogar, contextualizar, criticar. Não importa onde, país ou continente, não se pode negar o sofrimento. Ele é a partida para a mudança radical. A esperança só é possível a partir do momento em que se compreende o sofrimento¹⁷²; a partir desse sofrimento nasce a esperança. A esperança é necessária por causa do sofrimento. Ao reconhecer o oprimido/sofrimento é que se constrói a esperança. O educador sempre deve considerar o “aqui” do educando, ou seja, o contexto do educando. Pensar o contexto e refletir: não ser passivo. A linguagem machista deve ser superada como recusa à ideologia machista. Mudar a linguagem significa mudar a forma de enxergar o mundo. A pedagogia da esperança implica contemplar o todo, ou seja, a não exclusão.

Contemplar o todo significa democracia na escola, onde liberdade e autoridade caminham juntas. Na relação entre autoridade e liberdade, Freire aponta para uma linha tênue entre ambas quando afirma que:

[...] corremos o risco de, negando à liberdade o direito de afirmar-se, exacerbar a autoridade ou, atrofiando esta, hipertrofiar aquela. Em outras palavras, corremos o risco de cair seduzidos ou pela tirania da liberdade ou pela tirania da autoridade, trabalhando, em qualquer das hipóteses, contra a nossa incipiente democracia.¹⁷³

¹⁷⁰ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 11.

¹⁷¹ FREIRE, 1997, p. 51-82.

¹⁷² Jardimino (2007, p. 6) lembra que Freire, em sua obra *Educação como prática da liberdade*, diferenciou a consciência crítica da ingênua e da mágica. A primeira se dá quando a realidade é problematizada. A ingênua é a simples apreensão do homem dos dados da realidade. A mágica é aquela que faz com que o homem se julgue com poder superior para compreender o mundo.

¹⁷³ FREIRE, 1997, p. 23.

A democracia na escola pública se dá na formação permanente, não somente dos professores, mas também dos vigias, das merendeiras e zeladores, segundo Freire.¹⁷⁴ Essa menção à democracia, juntamente com liberdade e autoridade é importante para compreender que nesta democracia há a liberdade e a autoridade. A autoridade é concedida pelo povo, no seu exercício de liberdade de escolha. Para que essa escolha seja benéfica e não decepcionante no futuro, a educação é essencial para compreender os meandros da sociedade. É a educação crítica ou, para Lembrar Lutero, colocar a realidade à crítica.

Freire,¹⁷⁵ ao refletir acerca da autonomia, enfatiza seu desejo em discutir uma educação crítica ou progressista. Enfatiza que docente necessita do discente, que ambos se explicam e não se reduzem à condição de objeto um do outro. Nesse sentido pode-se fazer um paralelo com Jesus que também traçava diálogos, deixando que o seu interlocutor chegasse à sua conclusão. Por outro lado, Jesus também ouvia mestres, como em Lucas 2.46: “[...] assentado no meio dos mestres, ouvindo-os e interrogando-os”.

Freire enfatiza o respeito ao saber do educando, principalmente das classes populares, associando a realidade à disciplina. Por isso a criticidade é importante, assim como a estética e a ética. Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. Jesus ensinou também com a sua prática: suas palavras eram, muitas vezes, acompanhadas da ação imediata, como em milagres ou na crítica aos administradores.

Ao defender que ensinar não é transferir conhecimento, Freire¹⁷⁶ enfatizar que se deve criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Argumenta que se deve ter a consciência do inacabamento do ser humano, da existência, que é inacabado e, por isso, pode ir além. Jesus também proferiu acerca da constante busca pelo Reino de Deus, de forma que as pessoas devessem seguir os seus ensinamentos para alcançá-lo. É, assim, também a busca daquilo que ainda não está acabado.

Freire¹⁷⁷ defende ainda que ensinar exige comprometimento, destacando a importância do professor como sujeito que não pode passar despercebido pelos

¹⁷⁴ FREIRE, 1997.

¹⁷⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

¹⁷⁶ FREIRE, 2002.

¹⁷⁷ FREIRE, 2002.

alunos. O comprometimento de Jesus é evidente em suas ações e, principalmente, na sua morte na cruz. Ele poderia ter negado ser o Messias. Mas assim a sua mensagem não seria compreendida e toda a sua obra anterior também poderia ter sido desqualificada.

Com Freire¹⁷⁸, o ensino é a favor das liberdades e contra as autoridades. O ensino leva à tomada consciente de decisões no sentido de mudar aquilo que não está certo. Por isso a educação é ideológica. O ensino e as ações de Jesus também foram, nesse sentido, ideológicas, na Palavra de Deus.

Quando defende que ensinar exige saber escutar, Freire diz que “O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala *com* ele.”¹⁷⁹ Mais uma vez aparece a cumplicidade aluno e professor. E nisso está a exigência do diálogo. Mostra o bem querer aos educandos. Assim também Jesus se revelou, quando seus diálogos contemplavam a fala do outro.

Freire¹⁸⁰, em sua *pedagogia da autonomia*, parece revelar um desabafo, uma utopia, um dever ser. Incentiva uma pedagogia que leva à autonomia. Cotidianamente somos desanimados e levados para um conformismo. Mas contra isso a obra de Freire novamente nos levanta e faz enxergar que é possível sim mudar, a começar descendo do altar e se fazer igual, cúmplice, e, principalmente, sempre em busca, pesquisando, aguçando a curiosidade, sendo coerente entre o discurso e a prática.

3.3 SÍNTESE

No Brasil, há que se destacar também a questão da inclusão. Jesus chamou a todos. Conforme Price, “Jesus começava onde estava o povo”.¹⁸¹ Aqui se pode interpretar também que, além de ir ao encontro, para além das sinagogas, casas ou mesmo nas partes públicas, Jesus buscava o povo nas suas particularidades. Não importa como se encontravam. Em relação àqueles que tinham alguma deficiência física ou déficit de aprendizagem, por vezes eram vistos como pecadores, julgados

¹⁷⁸ FREIRE, 2002.

¹⁷⁹ FREIRE, 2002, p. 43.

¹⁸⁰ FREIRE, 2002.

¹⁸¹ PRICE, 1980, p. 69.

pela sociedade, encontrando na Igreja o olhar de salvação para os anormais pecadores que carregavam consigo esta marca da deficiência. Estes “monstros” precisavam de cura para poder viver com os ditos normais. Com o passar dos anos a cura passou a ser feita pelos médicos que buscavam resolver o “defeito” de nascimento. Porém, na Idade Média eram vistos como pecadores:

No antigo regime e na Idade Média esses seres eram excluídos, isolados, banidos ou mortos. Em Esparta, por um ideal de corpo perfeito, a medida era a perfeição corporal, e quem não entrasse nessa medida era banido. Na Idade Média, a partir de um discurso religioso eram conduzidos para a fogueira (inquisição) ou para outros tipos de banimento.¹⁸²

Os chamados “anormais” eram vistos como sujeitos que não podiam viver em sociedade e começaram a serem internados em manicômios, asilos, albergues. Isso em meados dos séculos XIV-XIX. No século XX, estes sujeitos começam a ter direitos, mas com caráter assistencial, como se fosse caridade dedicada a estes indivíduos. Mas para Jesus não havia diferença.

Para a contemporaneidade, os excluídos necessitam ser conscientizados, descobrirem-se oprimidos conhecedores da sua condição/realidade. A partir disto inicia a educação para a liberdade.

Schock,¹⁸³ ao tratar da educação e sua relação com a transcendência, que tem relação com o sensitivo sem excluir o cognitivo, menciona que os eventos que impulsionam o ser humano a transcender são, entre outros: “o desejo e a vocação para o ser mais; a criticidade e a conscientização; a utopia crítica e esperançosa; o relacionamento e a afetividade.”¹⁸⁴

Schock relaciona constantemente a teologia e a pedagogia, com teólogos e pedagogos/educadores. Levanta a questão da transcendência consciente, ou seja, transcender situações e objetiva-las. A inquietação diante de uma situação faz o ser humano transcender em alguma direção, que na educação se dá pela reflexão crítica que leva para uma ação esperançosa.¹⁸⁵

¹⁸² LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Eli Henn. *Inclusão e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 88.

¹⁸³ SCHOCK, M. L. *Educação e transcendência: dimensões contempláveis, aspectos edificáveis, categorias compartilháveis*. 2008. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2008.

¹⁸⁴ SCHOCK, 2012, p. 266.

¹⁸⁵ SCHOCK, 2012, p. 266ss.

A educação tem essa função de criar condições para promover a conscientização do ser humano, transcendendo à realidade posta, da possibilidade de transformar o mundo. Porém, vejo numa citação de Paulo Freire algo maior: “[...] a possibilidade que temos de reinventar o mundo e não apenas de repeti-lo, ou reproduzi-lo [...]”.¹⁸⁶ Essa possibilidade de reinventar do ser humano é que leva a uma esperança. Mas para isso, segundo Schock, há que se ter o desejo para transformar e, a meu ver, para reinventar.

A educação é fundamental para o relacionamento e para a afetividade, uma vez que o ser humano é um ser de relação, de comunhão, de encontro. O amor, por sua vez, é o alicerce para a relação/comunhão/encontro. Por isso uma educação deve pressupor o amor. Desta forma há respeito e compreensão e torna o relacionamento possível.¹⁸⁷

Concluo que as relações são fundamentais para transcender cognitivamente; logo, o amor é fundamental. Contemplar o cognitivo sem o afetivo (relação/comunhão/encontro) “formará” um ser humano repetitivo, ou melhor, mais um reprodutor do sistema, atrelado somente à formação técnica. Nesse sentido, o mandamento do amor acaba por ser a diretriz de qualquer pedagogia: “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos amo. (Jo 15.12)”

O contrário disto é, segundo Freire, ato de violência e de desamor: “[...] violento é o ato com que alguns homens ou classes impedem outros de *ser*. Aí está o desamor”.¹⁸⁸

Quando Schock pergunta “Até onde vai o ser humano, mesmo em meio à complexidade de uma sociedade pós-moderna, virtual e globalizando-se?”,¹⁸⁹ a resposta pode ser: com amor, esperança, utopia, criticidade não tem um limite, mas sempre possibilidades a serem construídas, ou realidades a serem reinventadas.

¹⁸⁶ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000. p. 55.

¹⁸⁷ SCHOCK, 2012, p. 278.

¹⁸⁸ FREIRE, 1979, p. 91.

¹⁸⁹ SCHOCK, 2012, p. 281-282.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é a fonte para resolver a maioria dos problemas brasileiros – e mundiais. Um povo com acesso à educação saberá cuidar melhor de si, funcionando como uma espécie de medicina preventiva. Igualmente cuidará melhor do meio ambiente, uma vez que estará mais consciente da fonte de vida que é o meio ambiente, na produção de alimentos por um lado, e como lugar de vivência. Também inibirá violência fazendo com que os indivíduos estejam mais aptos para concorrer no mundo capitalista do trabalho, gerando renda, não necessitando recorrer ao crime.

Um povo com acesso à educação saberá, principalmente, exercer a sua cidadania, reivindicando seus direitos, escolhendo melhor seus governantes. E esse é, talvez, o elemento essencial na defesa da educação como solução para os problemas da contemporaneidade.

Verifica-se que desde a educação na antiguidade, quando se pretendia que as crianças tivessem uma compreensão de todos os aspectos da vida humana, já havia uma preocupação com as questões da vida, tanto existenciais, quanto de conduta ética e moral na sociedade. O modo de se comportar em sociedade, por exemplo, é uma das preocupações mais antigas da sociedade ao se estudar a ética e a moral do ser humano.

No Antigo Testamento, a partir da Lei, já se evidencia também como deve o ser humano viver, ou seja, como ele deve agir. As consequências são relatadas pelos profetas para aqueles que não seguirem a Lei de Deus, bem como as benesses daqueles que seguirem na retidão.

Jesus Cristo surge como aquele que é “o verbo que se fez carne.” A palavra está com Ele. A palavra é Ele. Na educação, a palavra é a ferramenta do professor. Essa foi também a de Jesus. Por isso é emblemática a passagem de João 1.14. Ganha mais significado ainda que, ao se fazer carne, se mostra como palavra viva e atuante. Jesus, a palavra viva, age para ensinar aos seus. Assim, além da palavra, a ação se mostra como ferramenta de ensino. Jesus, o professor, é o exemplo.

Sua atualidade se mostra, ainda, no fato de estar ao lado dos oprimidos, daqueles que estão à margem da sociedade e que sofrem pelos desmandos

daqueles que governam. É a maioria do povo. É a base da população. Ele ensina a esse povo e revolta justamente aqueles que governam.

Alguma semelhança com a atualidade não é mera coincidência. Também a maioria do povo é a de oprimido no sentido de sofrer pelos desmandos da administração pública, ou cerceada pelo capitalismo de exclusão.

Há que se remeter, por isso, a Paulo Freire, que defendeu uma pedagogia a partir destes oprimidos que compõe a base do povo brasileiro. Inserir os oprimidos na educação significa inserir no ensino da cidadania para, depois, praticar essa cidadania. Verifica-se aqui semelhança com o modo de Jesus ensinar: a combinação da palavra com a ação/prática. Primeiro a palavra, depois a prática. Ou, então, palavra e prática juntas.

Importante destacar, conforme visto, que no Antigo Testamento Deus respeitou as condições culturais, o ritmo e a capacidade de aprendizagem, agindo como Pai que quer libertar seus filhos da escravidão. No Novo Testamento, também Jesus parte do contexto dos indivíduos.

Assim, a pedagogia de Jesus, da palavra e da ação, é também a partir do contexto no qual estava inserido. E essa é uma constatação importante: ensinar a partir do contexto no qual se encontra, a partir da realidade concreta do cotidiano. Por isso, num país de dimensões continentais, com culturas diversas, não se pode refletir um modelo de educação único, igual para o extremo norte e sul. Há que se contextualizar, ou pelo menos abrir espaço no currículo do ensino regular para uma reflexão contextualizada do Brasil. Já no caso da Grécia, conforme visto, cada cidade possuía um projeto educacional diferente, de acordo com as tradições e aspirações específicas de cada uma. Na contemporaneidade, o contexto exige, por exemplo, o estudo das tecnologias e o idioma inglês. Por isso, não há espaço para qualificações, se a educação de um determinado período é melhor ou pior em relação aos dias atuais, uma vez que cada época tem as suas especificidades.

Para isso, não se pode simplesmente decidir fazer, mas se deve estar preparado para tal missão. A pedagogia, enquanto uma ciência, tem a preocupação de como levar o indivíduo ao conhecimento, o meio e a forma. Assim como deve se preocupar em trazer o conhecimento, preocupa-se com os métodos de como trazer esse conhecimento, ou seja, nos métodos para ensinar. A modernidade contemporânea, nesse sentido, fornece métodos valiosos com as tecnologias da informação. Essa talvez seja uma reflexão para pesquisas futuras, numa

comparação entre as tecnologias da comunicação atual e a “tecnologia” usada disponível para Jesus.

Enfim, os exemplos para uma pedagogia eficiente são muitos que a história traz para a contemporaneidade. Verifica-se que o objetivo sempre é o povo excluído, como foi com Jesus, com Lutero (ao traduzir a Bíblia para a língua alemã), com Freire e, quiçá, com muitos outros que ainda estão por vir.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ABBAGNANO, Nicola; VISALBERGHI, A. *Historia de la Pedagogía*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- ABREGO, José María. Os falsos profetas. In: SICRE, José Luís. *Os profetas*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- ALVES, G. L. *A Produção da Escola Pública Contemporânea*. Campinas: Autores Associados, 2005.
- ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- AUSIN, Santiago. Os profetas e a história. In: SICRE, José Luís. *Os profetas*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- BACICH, Alexandre Zanca. *Síntese Teológica*. Florianópolis: Bookess Editora, 2016.
- BAKOS, Margaret Marchiori. A formação do escriba no antigo Egito. In: BAKOS, Margaret Marchiori; CASTRO, Ieda Bandeira; PIRES, Letícia de Andrade. *Origens do Ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- BELO, André. *História & livro e leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BELOMO, Harry. A formação do Jovem no mundo grego. In: BAKOS, Margaret Marchiori; CASTRO, Ieda Bandeira; PIRES, Letícia de Andrade. *Origens do Ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- BERGER, Klaus. *É possível acreditar em milagres?* São Paulo: Paulinas, 2004. p. 211.
- BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BÖHM, Paulo G. *O Antigo Testamento: uma visão ao seu alcance*. Porto Alegre: Gráfica e Editora Photo & Cia Ltda, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em 10 mar. 2017.
- _____. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular. Linha do Tempo*. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/linha-do-tempo>. Acesso em 10 mar. 2017.

BRASIL. *MP 746*. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências. Senado Federal, Brasília, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em 10 mar. 2017.

CALONGA, Tania Aparecida da Silva. *A dupla face de Salomão: memórias de uma escola de escribas no século X A.C.*. São Bernardo do Campo, SP: 2012. 227 f. Tese (Doutorado) - Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Humanidades e Direito, São Bernardo do Campo, 2012.

CHAMPLIN, Russell Norman; BENTES, João M. *Enciclopédia de Bíblia: teologia e filosofia*. vol. 2. São Paulo: Candeia, 1997.

_____. *Enciclopédia de Bíblia: teologia e filosofia*. vol. 3. São Paulo: Candeia, 1997.

_____. *Enciclopédia de Bíblia: teologia e filosofia*. vol. 5. São Paulo: Candeia, 1997.

CLEMENTE, Elvo. Apresentação: os estudos da antiguidade. In: BAKOS, Margaret Marchiori; CASTRO, Ieda Bandeira; PIRES, Letícia de Andrade. *Origens do Ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

CORREIA, Élcio Bernardino. *Paulo, mestre da sã doutrina*. 2015. 258 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

COUSIN, Hugues. *Narração de milagres em ambientes judeu e pagão*. São Paulo: Paulinas, 1993.

CRENSHAW, James L. *Education in ancient Israel: across the Deadening Silence*. Nova Iorque: Doubleday, 1998.

DAUSÁ, Alejandro. *Encuentros con el maestro: la pedagogía de Jesús de Nazaret*. La Habana: Editorial Caminos, 2002.

DEFREYN, Vanderlei. Lutero na história da educação. In: BRANDENBURG, Laude Erandi; WACHHOLZ, Wilhelm. *Contribuições do luteranismo para a educação*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GEORG, Sherron K. *Igreja ensinadora: fundamentos bíblico-teológicos e pedagógicos da educação cristã*. Campinas: Ed. Luz para o caminho, 1993.

GHIRALDELLI, Paulo, Jr. *O que é pedagogia*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

GUZI, Elsa Líbera. *Contribuição da pedagogia de Jesus para a proposta atual do ensino religioso*. São Leopoldo, IEPG, 2001.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. A pedagogia de Deus. In: BAKOS, Margaret Marchiori; CASTRO, Ieda Bandeira; PIRES, Letícia de Andrade. *Origens do Ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

HOUAISS, Antônio. *Houais Eletrônico*. Curitiba: Objetiva, 2009.

JAEGER, Werner. *Cristianismo primitivo e paidea grega*. Santo André, SP: Academia Cristã, 2014.

JARDILINO, José R. Lima. Educação e Religião: leitura teológica da pedagogia de Paulo Freire na América Latina. *Revista Nures*, São Paulo, PUC, n. 5, janeiro/abril 2007.

LAKATOS, Eva Maria, et al. *Fundamentos de metodologia científica*. 3ª ed., ver. Ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Eli Henn. *Inclusão e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Estatuto da cientificidade da pedagogia. In: PIMENTA, Selma G. *Pedagogia, ciência da educação?* 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996, p. 13–38.

MESTERS, Carlos. *Fundamentação Bíblica das celebrações nas casas*. São Leopoldo: CEBI, 2016.

PEDÓ, Albina. *A prática pedagógica e libertadora de Jesus em Lucas 24,13-35 na perspectiva relacional*. São Leopoldo, RS, 2011. 77 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2011.

PILLETTI, Claudino; PILLETTI, Nelson. *História da educação* de Confúcio a Paulo Freire. São Paulo: Contexto, 2012.

PIMENTA, Selma G. *Pedagogia, ciência da educação?* 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

PRICE, J. M. *A pedagogia de Jesus*. O Mestre por Excelência. Rio de Janeiro: JUERP, 1980.

SANTIAGO, Emerson. Paideia, *Infoescola*, 2012. s/p. Disponível em: <http://www.infoescola.com/educacao/paideia/>. Acesso em 19 maio 2017.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia: o espaço da Educação na Universidade. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37. n. 130, p. 99-134, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n130/06.pdf>. Acesso em 13 fev. 2017.

SAVIETTO, Miguel. *A prática provocadora de Jesus de Nazaré: a pedagogia libertadora de Jesus no contexto do catolicismo brasileiro atual*. São Leopoldo, 2009. 42 f. (Especialização em Assessoria Bíblica - DABAR III). Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2009.

SCHOCK, M. L. *Educação e transcendência: dimensões contempláveis, aspectos edificáveis, categorias compartilháveis*. 2008. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2008.

SICRE, José Luís. *Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem*. Petrópolis: Vozes, 1996.

STEIN, Robert H. *Guia Básico para a Interpretação da Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

TERRA, João Evangelista. *O Deus dos indo-europeus*. São Paulo: Loyola, 2001.

THOMPSON, J. A. Milagre. In: DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

TORRES, Milton Luiz. O cuidado da criança nos primórdios da educação grega : semelhanças e contrastes com a educação hebraica. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 24, 2011, p. 34-41. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/126/157>. Acesso em 10 maio 2017.

VALENTIN, Ismael Forte. Educação e expansão da fé cristã. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.54, n.2 , p. 321-332, jul. 2014.

VENDRAME, Calisto. *A cura dos doentes na Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2001.

WACHHOLZ, Wilhelm. Lutero: legados pedagógicos e comunitários. In: BRANDENBURG, Laude Erandi; WACHHOLZ, Wilhelm. *Contribuições do luteranismo para a educação*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

WEISER, Alfons. *O que é milagre na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1978.